

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Lara Gomes Silva

**A mediação dos Educadores Surdos nos Museus de São Paulo:
para além da tradução de línguas**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

São Paulo

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Lara Gomes Silva

**A mediação dos Educadores Surdos nos Museus de São Paulo:
para além da tradução de línguas**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação: Currículo, sob a orientação da Prof.^a Dra. Neide de Aquino Noffs.

São Paulo

2021

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo -
Ficha Catalográfica com dados fornecidos pela autora

SILVA, Lara Gomes

A mediação dos Educadores Surdos nos Museus de São Paulo: para além da tradução de línguas/Lara Gomes Silva. São Paulo, 89 p.

Orientadora: Prof.^a Dra. Neide de Aquino Noffs

Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, Programa Educação: Currículo, 2021.

1.Museu. 2. Educador Surdo Referência. 3. Língua Brasileira de Sinais. 4. Comunidade Surda. I. NOFFS, Neide de Aquino. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP, Programa Educação: Currículo. III. A Mediação dos Educadores Surdos nos Museus de São Paulo: para além da tradução de línguas.

Lara Gomes Silva

**A mediação dos Educadores Surdos nos Museus de São Paulo:
para além da tradução de línguas**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação: Currículo.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (Fundasp), a qual agradeço por todo apoio durante o período de realização do Mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Arnaldo Rocha e Lucélia Gomes por sempre está me incentivando nos estudos e pela cumplicidade.

Agradeço aos meus irmãos Lis, Sissi, Tom (*in memorian*), Davi, Lucas e Helena que sempre acreditaram o meu crescimento profissional e que estão sempre me apoiando.

Agradeço as duas amigas Thais Martins e Betina Körbes por terem me apoiado nos momentos difíceis e alegres durante a minha dissertação, além de ser minhas motivadoras no convívio pessoal.

À Comissão de Bolsas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pela concessão da bolsa de estudos no mestrado para desenvolvimento da minha pesquisa.

Agradeço à professora Dra. Neide de Aquino Noffs, minha orientadora, por acompanhar com carinho, sempre me respeitando o meu processo de dissertação, por acreditar a minha dedicação e me dando forças em todo momento. Com muito carinho!

Agradeço ao Prof. Dr. Alípio Márcio Dias Casali por me motivar durante a aula do mestrado que sempre esteve ali para me ajudar qualquer momento, trocas de conhecimento e que aceitou o meu convite para a Banca Examinadora, meu muito obrigada!

Agradeço à Prof.^a Dra. Vânia de Aquino Albres Santiago que aceitou o convite de participar da Banca Examinadora. Ela não foi minha professora, mas a conheço no convívio da Comunidade Surda e ela é uma excelente pessoa que disponibilizou a me auxiliar na qualificação com qualidade e com carinho, meu muito obrigada!

Agradeço à Carolina Fomin que me incentivou com meu projeto de pesquisa para conseguir participar do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, minha amiga e parceira da Comunidade Surda, meu muito obrigada!

Aos intérpretes de Libras, Toni Demambro e Daniela Cruz que me acompanharam e auxiliaram desde o início do mestrado até o fim, gratíssima!

À minha grande amiga Alicy Queiroz pela troca de experiências e pela ajuda a qualquer momento durante a minha trajetória do mestrado, gratíssima!

Aos amigos Edvaldo Santos, Leonardo Castilho, Sabrina Ribeiro e Harrison Adams por disponibilizarem seu tempo para participar da minha pesquisa de

mestrado, tenho orgulho do trabalho profissional de vocês e são grandes referências educadores surdos nos museus, muito obrigada!

Ao tradutor de Libras André Rosa por disponibilizar o seu tempo de fazer a tradução das entrevistas para minha pesquisa do mestrado, muito obrigada!

Da equipe UFABC para amizade eterna: Marquinhos, Vanvan, Yuri, Andrey, Rogério, Letícia, Juliana e Rosana que me deram apoio e que acreditaram na questão profissional e que pude trocar experiências.

Aos meus grandes amigos Diego Guimarães, Nayara Rodrigues, Maria Thereza Guimarães, Marcos Monteiro e à toda Comunidade Surda Brasileira que sempre me acolheu, por me incentivar e por acreditar de quem eu sou! Gratidão!

Por fim, estou grata a tudo que me fez chegar até aqui, as dificuldades enfrentadas, as alegrias, os choros, as forças, as noites em claro e as madrugadas de inspiração. E claro, grata a Deus que me guiou, me protegendo e iluminando o caminho.

Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou Surda. Para mim, a Língua de Sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta. É a sociedade que me torna excepcional.

Emmanuele Laborit

SILVA, Lara Gomes. **A mediação dos Educadores Surdos nos Museus de São Paulo: para além da tradução de línguas**. 2021. 89 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

RESUMO

Esta dissertação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tem como questão norteadora A mediação dos educadores surdos nos museus em São Paulo: para além da tradução de línguas. O museu é o espaço não formal que preserva os acervos sobre a área temática, lugar para refletir e trocar conhecimento entre a obra, o arte-educador e o público. Em São Paulo, poucos educadores surdos trabalham em museus. A pesquisa tem como foco as estratégias selecionadas pelos educadores surdos nas interações entre a obra de arte e o público surdo e ouvinte, para além da tradução, nos museus na cidade de São Paulo (SP). A metodologia qualitativa, é do tipo investigativa, com coleta de dados por meio de pesquisa bibliográfica, documental e entrevista com quatro educadores surdos em quatro instituições culturais diferentes. Este estudo tem como base teórica autores que abordam a visão socioantropológica, delineando características principais da constituição do sujeito Surdo, e profissionalmente com Educadores Surdos ativos na comunidade surda. A base teórica da pesquisa teve como referência autores relacionados com estudos surdos e culturais como: Santana e Noffs (2016), Hall (1997, 2006), Mourão (2011), Karnopp (2008, 2011), Perlin (2015), Strobel (2008), entre outros. Esta pesquisa tem evidenciado a necessidade da presença de um educador surdo como referência, utilizando recursos didáticos que permitam o atendimento e a acessibilidade ao público surdo e ouvinte. A comunidade surda será informada da presença do educador surdo no museu, por meio da divulgação em Libras. Esta pesquisa, permitiu identificar os recursos e estratégias utilizadas no estímulo aos surdos em seu desenvolvimento, tanto do pensamento, quanto na Língua de Sinais na área de cultura e arte.

Palavras-chave: Museu; Educador surdo referência; Língua Brasileira de Sinais; Comunidade Surda; Currículo.

SILVA, Lara Gomes. **The mediation of Deaf Educators in São Paulo Museums: beyond language translation**. 2021. 89 f. Dissertation (Master in Education: Curriculum) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

ABSTRACT

This dissertation, developed in the Graduate Program in Education: Curriculum of the Pontifical Catholic University of São Paulo, has as its guiding question "The mediation of deaf educators in museums in São Paulo: beyond the translation of languages". The museum is the non-formal space that preserves the collections on each thematic area, being a place to reflect and exchange knowledge among the artwork, the art educator and the public. In São Paulo, few deaf educators work in museums. The research focuses on the strategies selected by deaf educators in the interactions between the artwork and the deaf and person hearing audience, in addition to translation, in museums in the city of São Paulo (SP). The methodology is qualitative, of the investigative type, collecting data through bibliographical research, documentary and interviews with four deaf educators in four different cultural institutions. The study is theoretically based on authors who approach the socio-anthropological view, outlining the main characteristics of the constitution of the Deaf person, and professionally with Deaf Educators active in the deaf community. The theoretical basis of the research had as reference authors related to deaf and cultural studies such as: Santana and Noffs (2016), Hall (1997, 2006), Mourão (2011), Karnopp (2008, 2011), Perlin (2015), Strobel (2008), among others. This research has highlighted the need for the presence of a deaf educator as a reference, using teaching resources that allow attendance and accessibility to the deaf and hearing public. The deaf community will be informed of the presence of the deaf educator at the museum, through publicity in Libras. This research allowed us to identify the resources and strategies used to encourage the deaf in their development, both in terms of thought and sign language in the area of culture and art.

Keywords: Museum; Deaf Educator Reference; Brazilian Sign Language; Deaf Community; Curriculum.

LISTRA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 - Experiência de trabalho como educadora surda no CCSP.....	17
Figura 2 - Sinal Mãe.....	20
Figura 3 - Comunicação ente alunos surdos, intérprete e professores na escola.....	34
Figura 4 - Videoguia nos Museus-Casas Literários.....	39
Quadro 1 - Perguntas do questionário.....	53
Quadro 2 - Perfil dos profissionais educadores surdos participantes.....	55

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Teóricas
CCSP	Centro Cultural São Paulo
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MAM	Museu de Arte Moderna
PEPE	Programa Educativo para Públicos Especiais
PNE	Plano Nacional de Educação
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TILS	Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais
UNINTER	Centro Universitário Internacional
WFD	Word Federation of the Deaf

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I	
1 CULTURA SURDA E VIVÊNCIAS.....	16
1.1 Língua Brasileira de Sinais (Libras).....	19
1.2 Comunidade, Cultura e Identidades Surdas.....	21
CAPÍTULO II	
2 O EDUCADOR SURDO: HISTÓRIA E DIREITOS.....	27
2.1 Constituição de 1988.....	27
2.2 Plano Nacional de Educação (PNE).....	28
2.2.1 Educação bilíngue.....	29
2.2.2 Meta 4: Educação Especial, Altas habilidades etc.....	30
2.2.2.1 Reflexão acerca da relação da educação de surdos e dos educadores profissionais surdos no Plano Nacional de Educação (PNE).....	30
2.3 Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência).....	36
CAPÍTULO III	
3 O MUSEU E O EDUCADOR SURDO REFERÊNCIA.....	41
3.1 Educação não formal em espaços culturais.....	41
3.2 Educador surdo referência como protagonista no museu.....	42
3.3 Como começou a inserção das pessoas surdas no museu?.....	44
3.4 Educador Surdo em formação.....	46
3.5 Museus-Casas Literários.....	48
3.5.1 Casa Guilherme de Almeida.....	49
3.5.2 Casa das Rosas.....	50
3.5.3 Casa Mário de Andrade.....	51
CAPÍTULO IV	
4 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	52
4.1 Itinerário metodológico da pesquisa.....	52

4.2 Coleta de dados: instrumentos utilizados.....	54
4.3 Sujeitos da pesquisa.....	54
4.4 Análise das questões das entrevistas.....	56
4.4.1 Estratégias desenvolvidas pelos educadores surdos para diferentes públicos.....	56
4.4.2 Conhecimento de mediação.....	57
4.4.3 Tempo de preparo.....	58
4.4.4 Estratégias desenvolvidas em tempos de pandemia da Covid-19.....	58
4.4.5 Recursos e ações utilizados pelos educadores surdos.....	59
4.4.6 Motivações das estratégias e a sua relação com o público-alvo.....	60
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 61
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICES.....	66

INTRODUÇÃO

Sou surda de nascença em uma família ouvinte, ingressei na escola regular com ouvintes e não tive nenhum contato com as crianças surdas na infância. A fonoaudióloga Célia Fernandes orientou minha mãe que me colocasse na escola de ouvintes porque eu tinha resíduo auditivo muito bom. Caso eu não obtivesse sucesso na escola de ouvintes, iria à escola de surdos. Mas não tive nenhum problema. Na escola, adquiri a minha primeira língua que é o Português, aprendi a ler e a escrever.

Na infância e adolescência, semanalmente, tinha aulas de reforço, literatura, redação e também frequentei fonoaudióloga por doze anos para reabilitação auditiva. Conheci alguns surdos nas aulas de reforços e sessões de fono, mas eram todos oralizados e não sabiam a Língua de Sinais. Essas são lembranças marcantes da minha infância e adolescência.

Entre os 23 e 24 anos de idade passei a conhecer a comunidade surda em São Paulo (até então, morava onde havia crescido, em Salvador, no estado da Bahia). Assim que ingressei na comunidade surda, despertei para uma mistura de interesse e desconforto por não saber a Língua Brasileira de Sinais. Foi quando comecei a conviver com surdos todos os dias, em diversos lugares, e passei a adquirir Libras como segunda língua. Na ocasião, estudei e conheci diversas histórias da cultura e comunidade surda, inclusive a história da educação de surdos do Brasil.

Minha formação inicial foi em Ciências Biológicas, no curso de licenciatura, sem contar com o auxílio de intérprete de Libras no período da faculdade por eu ser uma surda oralizada. Outros dois surdos oralizados estudavam na mesma instituição e eles também não sabiam essa língua. Porém, nós não tivemos acessibilidade, nem mesmo legenda dos vídeos que os professores utilizavam na sala de aula. Precisei lutar sozinha e consegui me formar, com autonomia e persistência.

Ao adquirir a Língua de Sinais, percebi que faltava alguma coisa e decidi fazer uma pós-graduação em Libras e Educação para Surdos. Aprofundei os estudos e passei a refletir a respeito das frustrações decorrentes das minhas experiências que eram similares as de outros Surdos, pois também implicavam sofrimento na escola por conta da barreira linguística. Foi quando decidi procurar emprego como professora de Ciências/Biologia nas escolas bilíngues ou inclusivas, mas a barreira

era grande por eu ser surda. Então, comecei a participar de cursos específicos de Libras, como curso de Instrutor e curso de capacitação para professores de Libras. Também fiz a prova de proficiência em ensino da Libras etc. Desde então, venho atuando como professora de Libras.

Em 2015, fui chamada para trabalhar no Centro Cultural São Paulo (CCSP) e assumi a função de coordenadora da Biblioteca de Culturas Surdas. Organizei eventos, palestras, cinema em Libras e oficinas. Tudo estava relacionado com a cultura surda. Também fui educadora de uma exposição chamada Mario e Oswald e esta exposição muito me sensibilizou, pois eu percebi que faltava alguma coisa em minha atuação como educadora e tomei consciência da pouca experiência a respeito de estratégia para o público surdo.

Naquela época, eu trabalhava como professora e tradutora/intérprete de Libras na esfera educacional. Atualmente, trabalho como educadora e professora. Além disso, tenho vasta experiência na esfera cultural. Esse tema permaneceu me angustiado e, por ter relevância pessoal, profissional e acadêmica, tenho dado bastante foco em tradução como estratégia de línguas. Nesse sentido, esta dissertação intitulada “A mediação dos educadores surdos nos museus de São Paulo: Para além da tradução de línguas” apresenta o problema de pesquisa tendo como pressuposto que o público surdo que frequenta os museus na cidade de São Paulo com auxílio de educadores surdos, usuários de Libras, tem mais oportunidade de desenvolver-se integralmente. O uso de recursos de materiais e estratégias para tradução da obra e/ou exposição auxilia esse envolvimento, pois abrange os processos de pensamento e de aprendizagem.

A atividade de mediação de educadores surdos em museus envolve diversas ações para além da tradução de conteúdo e materiais informativos sobre as obras e exposições. Portanto, nosso principal foco de pesquisa são as estratégias selecionadas pelos educadores surdos nas interações entre a obra de arte e para diferentes públicos, para além da tradução, nos museus na cidade de São Paulo (SP). Nesse sentido, coloca-se como problema, desta pesquisa, a seguinte questão: Quais são as atividades de mediação, em museus, utilizadas por mediadores surdos?

Para tal problema de pesquisa, propõe-se o objetivo geral anteriormente mencionado: Descrever as estratégias de mediadores/educadores surdos nos museus na cidade de São Paulo (SP).

E os objetivos específicos são:

1. Identificar como educadores surdos desenvolvem suas estratégias para diferentes públicos;
2. Descrever as ações e recursos dentro da estratégia utilizada pelos educadores surdos;

No **Capítulo 1**, tratarei sobre o ser Surdo, a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras), as Vivências e Experiências, Cultura, Comunidade e Identidade Surda estudada e pesquisada por Gladis Perlin.

Abordarei, no **Capítulo 2**, sobre o Educador Surdo, a história e seus direitos, além disso, a constituição de 1988, as metas do Plano Nacional de Educação (PNE), a Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência), tudo relacionado com a cultura e acessibilidade nos museus.

No **Capítulo 3**, falarei sobre a importância do Museu e do Educador Surdo, que é referência como protagonista nos espaços culturais, na educação não formal, e nos Museus-Casas Literários. Também falarei sobre o educador surdo em formação.

E por fim, no **Capítulo 4**, trarei o caminho metodológico da pesquisa, utilizando como instrumento a pesquisa documental, bibliográfica e entrevista com os mediadores surdos. As entrevistas com os educadores surdos foram realizadas por meio de uma plataforma online, o Zoom, devido ao cenário atual: a pandemia da Covid-19 que não nos permite fazer encontros presenciais para realizar entrevistas. Levando em conta as experiências nas instituições culturais e utilizando as estratégias diferentes para o público geral, apresentarei as análises das entrevistas, relatando suas práticas inseridas em instituições culturais, indo diretamente ao encontro do problema de pesquisa e das discussões teóricas realizadas nos capítulos iniciais, com sistematização dos resultados.

Nas **Considerações Finais**, serão mostradas as principais reflexões conclusivas durante o trajeto de estudos realizados da minha pesquisa de dissertação em relação ao problema e ao objetivo norteador da investigação.

CAPÍTULO I

1 CULTURA SURDA E VIVÊNCIAS

Nesta parte, vou relatar a minha experiência-vivência e como me tornei educadora. Desde que comecei a conviver com a comunidade surda, eu queria participar da área cultural ligada às pessoas surdas. Soube que tinha um grupo de estudo instalado no Museu de Arte Moderna (MAM) chamado Corposinalizante¹.

Desde então, comecei a frequentar o MAM toda quinta-feira à tarde para participar do Corposinalizante e fui me voluntariando no Slam do Corpo² que foi originado por meio desse coletivo, no ano de 2014. Atualmente, sou produtora do Slam.

De fato, com o grupo Corposinalizante, aprendi bastante sobre o educar-arte em Libras nos museus. Foi com eles que conheci educadores surdos de vários museus na cidade de São Paulo. Passei a visitar cada museu que tinha o profissional surdo e entender o quão importante é a presença daquele profissional. Professora de Libras há sete (7) anos, tive o desejo de ser educadora surda no espaço cultural.

Cursei Libras e Educação para Surdos na pós-graduação pelo Centro Universitário Internacional (Uninter) e lá conheci a professora Maria Carolina que trabalhava como educadora e bibliotecária no Centro Cultural São Paulo (CCSP).

O CCSP é um espaço público que foi inaugurado em 1982. É um dos primeiros centros culturais multidisciplinares do país. Lugar público por excelência, combina a oferta de programação e de serviços culturais – gratuitos ou a preços acessíveis – com a disponibilização de seus espaços e instalações para um uso plural, livre e propositivo de seus frequentadores, provocando uma reflexão quanto ao papel dos espaços e serviços públicos na promoção da cultura, da criatividade, da cidadania e da autonomia em uma cidade com as dimensões de São Paulo⁸.

Comecei a trabalhar no CCSP no ano de 2015 por indicação dessa professora da pós-graduação no qual atuava por cargo de confiança. Iniciei como bibliotecária na Biblioteca de Culturas Surdas, localizada na Biblioteca Pública

¹ É um grupo coletivo de trabalho que pesquisa e produz arte. É aberto a jovens surdos e ouvintes que se interessam pela Língua Brasileira de Sinais e faço parte desse coletivo até hoje.

² Slam do Corpo é a primeira batalha de poesia no Brasil que se dá por meio da fricção entre a língua portuguesa e a língua de sinais, batalha que hoje participa e interfere no circuito nacional e internacional de saraus e *Slams* (LUCENA, 2017, p. 19).

Municipal Sergio Millet, no CCSP, fundada por Maria Carolina. Com o tempo, tive experiência como fiscal de tradutor/intérprete de Língua de Sinais (Tils³), produtora de eventos culturais para comunidade surda e educadora na Sala Tarsila do Amaral, onde fui convidada para receber o público surdo e mediar sobre a exposição da “Semana MáriOswald- 100 anos de Uma Amizade” que é uma homenagem a Mário e Oswald de Andrade. Foi um grande desafio, me lembrei do curso Corposinalizante de quando conheci grandes referências de educadores surdos, e procurei ajuda para fazer mediação, dicas, entre outros. Recebi materiais de estudos sobre a exposição de Mário e Oswald de Andrade, conheci o espaço onde recebi o público, estudei e ensaiei. Aquilo me gerou um grande impacto, refleti e pensei que poderia ser uma profissional no espaço não formal, ou seja, nos museus.

Figura 1 - Experiência de trabalho como educadora surda no CCSP



Fonte: Franklin Nunes (2017).

A minha estratégia era estudar e explicar o que eu entendia da obra para os visitantes surdos, o que fez muito sucesso. Mas ficava angustiada, tinha certeza de que tinha alguma coisa dentro de mim, foi ali que percebi quais eram as estratégias utilizadas por outros educadores surdos, de outros museus, na cidade de São Paulo. Desse modo, esta pesquisa tem o intuito de comprovar que há grande referência de

³ Utilizarei o termo “Tils” conforme a Lei n.º 12.319, de 1º de setembro de 2010 (BRASIL, 2010).

educadores, considerados profissionais excelentes e protagonistas surdos nas instituições culturais e mostrar a importância da Língua Brasileira de Sinais nesse sentido. Mas qual seria a estratégia deles? E qual a importância das estratégias deles?

No ano de 2017, soube que a Pinacoteca de São Paulo abriu inscrições do curso de formação Ensino da Arte na Educação Especial e Inclusiva oferecido pelo Programa Educativo para Públicos Especiais (Pepe)⁴ e me inscrevi. Fui selecionada para participar nesse curso de formação.

É o curso de formação voltado a profissionais da área de arte, educação, saúde, turismo e do campo da museologia que têm interesses na arte como meio de comunicação e expressão de ensino para públicos especiais, no ensino formal e não formal (OLIVEIRA, 2015, p. 88).

Cito Oliveira (2015, p. 112):

No curso Ensino da Arte na Educação Especial e Inclusiva, esses profissionais têm a oportunidade de se aproximar do universo da educação não formal, bem como de aprimorar seus conhecimentos nas áreas afins (arte e educação especial), conhecer e ampliar um pouco mais seu conhecimento sobre as especificidades de cada uma das deficiências atendidas pelo programa.

Foi um dos conhecimentos que me levou ao caminho de experiências como formação de educadora.

No curso, abordei o trabalho final sobre a “Oficina de elaboração de videoguia”, junto com a equipe, com objetivos de melhorar as informações do videoguia para o público surdo e ouvinte; estimular a reflexão acerca das obras e/ou da exposição; proporcionar um contato mais educativo através do videoguia, sem a necessidade de um educador presente e fomentar o pensamento criativo do público surdo e ouvinte.

Oliveira (2015) citou a educadora surda do Programa (Pepe), relatando sobre o videoguia:

Videoguia é um aparelho de guia para surdos. Apresenta Libras e também legenda em Português para informar sobre a história da Pinacoteca e a Arte Brasileira. Qualquer surdo visitante pode acompanhar com videoguia a exposição autonomamente (sozinho).

É importante incentivar os surdos a ampliar a cultura e o conteúdo, isso é a ajuda do Videoguia para facilitar aos surdos entender melhor a comunicação em Libras. A aquisição visual de língua de sinais aos surdos

⁴ “É o programa que foi implantado em 2003 do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca de São Paulo. Promove ações de atendimento a públicos especiais e inclusivos, pessoas com e sem deficiência, vindas de instituições especializadas e escolas inclusivas” (OLIVEIRA, 2015, p. 111).

venha adquirir a língua de sinais como primeira língua (RIBEIRO, 2012 *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 117).

Esse trabalho final do curso me levou a refletir mais uma vez, que além de ser educadora no CCSP deveria seguir com a minha pesquisa, mais especificamente, sobre o presente educador (a) surdo (a) e sua mediação nos museus, pois “permitir que as culturas e identidades surdas sejam reconhecidas dentro deste espaço também faz parte do papel social do museu” (OLIVEIRA, 2015).

Enquanto estava em outra atuação, como tradutora/intérprete, participei do processo seletivo para trabalhar nos Museus-Casas Literários (Casa das Rosas, Casa Mário de Andrade e Casa Guilherme de Almeida) e fui aprovada. E assim, fui adquirindo mais conhecimentos e experiências! Fui a primeira educadora surda nos Museus-Casas Literários. Nos capítulos posteriores, destaco o meu relato de experiência, desafios e minhas estratégias de mediação.

1.1 Língua Brasileira de Sinais (Libras)

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua utilizada por uma parcela da comunidade surda e possui uma estrutura gramática própria. É reconhecida pela Lei Federal n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, e posteriormente foi regulamentada pelo decreto federal n.º 5.626, 22, de dezembro de 2005, com objetivo de difundir a língua de sinais no espaço público.

Como sabemos, cada país tem suas próprias línguas orais, assim como também tem língua de sinais, ou até mesmo línguas de sinais. Como no caso do Brasil que além da Libras, existem, também, diferentes línguas de sinais de indígenas emergentes.

Segundo Audrei Gesser (2009, p. 11), com a língua de sinais não é diferente: nos Estados Unidos, os surdos “falam a língua americana de sinais; na França, a língua francesa de sinais; no Japão, a língua japonesa de sinais; no Brasil, a língua brasileira de sinais, e assim por diante”. Vejamos, abaixo, a diferença do sinal “mãe” em 4 diferentes línguas de sinais:

Figura 2 - Sinal Mãe

Fonte: Moore e Levitan (1993, p. 38).

Lembrando que a língua de sinais não é universal, você verá em qualquer lugar os surdos interagindo por meio de língua de sinais que é uma forma de comunicação. Mas nem todos os surdos comunicam em Libras, pois há uma diversidade surda. Surdos implantados, são aqueles que usam o Implante Coclear, surdos oralizados são aqueles que usam o aparelho auditivo ou não, mas se comunicam em português como primeira língua, surdos sinalizados são aqueles que usam aparelho auditivo ou não, mas se comunicam por língua de sinais como primeira língua (maioria), eu por exemplo, sou surda e usuária do aparelho auditivo, minha primeira língua é português e a segunda língua é Libras. Os sinais pertencem à cultura da comunidade surda, mas existem diferentes identidades surdas, conforme irei explicar posteriormente.

Existe uma língua internacional conhecida como gestuno (língua de sinais), parecida com o esperanto⁵. De acordo com Gesser (2009, p. 13), conforme citado por Moody, 1987; Supalla e Webb, 1995; Jones, 2001 (2009, p. 13), “o nome é de origem italiana e significa unidade em língua de sinais”. Foi mencionada pela primeira vez no Congresso Mundial na Federação Mundial dos Surdos (World Federation of the Deaf- WFD)⁶, em 1951. Em meados de década de 1970, o comitê da Comissão de Unificação de Sinais propunha um sistema padronizado de sinais internacionais, tendo como critério a seleção de sinais mais compreensíveis, que facilitassem o aprendizado, a partir da integração das diversas línguas de sinais. A

⁵ Segundo dicionário online Michaelis, o mais difundido dos idiomas artificiais, criado em 1987 pelo oftalmólogo e poliglota polaco Ludwig Lazar Zamenhof (1859-1917), com o intuito de que pudesse servir como língua universal. Sua gramática abrange apenas 16 regras e seu vocabulário é constituído, tanto quanto possível, de raízes de palavras comuns aos principais idiomas europeus, com eliminação de fonemas comuns a poucas línguas.

⁶ Federação Mundial dos Surdos (World Federation of the Deaf - WFD) é uma organização não governamental internacional que representa aproximadamente 70 milhões de surdos em todo o mundo. Estima-se que mais de 80% desses 70 milhões vivem em países em desenvolvimento, onde as autoridades raramente estão familiarizadas com suas necessidades ou desejos (ALMIR, 2018).

comunidade surda, de forma geral, não considera o *gestuno* uma língua “real”, uma vez que foi inventada e adaptada. Atualmente, entretanto, cursos são oferecidos, e os adeptos do *movimento gestunista* divulgam os sinais internacionais em conferências mundiais dos surdos”.

A Libras tem sua origem na Língua Francesa de Sinais e tem algum tipo de influência dos sinais franceses.

Gesser (2009, p. 37) descreveu uma história a respeito da origem de Língua de Sinais:

Em 1855, um surdo francês chamado Ernest Huet chegou ao Brasil, com apoio do Imperador dom Pedro II, para criar a primeira escola para surdos brasileiros. De acordo com os registros históricos disponíveis (Reis, 1992), não está claro por que dom Pedro II estava interessado na fundação da escola. Rocha (1997:53) especula sobre pelo menos duas possibilidades: uma seria a possibilidade de a princesa Isabel ter uma criança surda; e a outra teria relação com uma visita do imperador à Universidade Gallaudet (EUA)⁴ para discutir a fundação de uma escola similar no Brasil. O fato é que em setembro de 1857 foi fundado o Instituto Nacional de Educação de Surdo (INES), no Rio de Janeiro, no mesmo endereço em que se localiza até hoje. Durante anos, o INES tem sido o centro de referência e de formação de indivíduos surdos. Embora, naquela época, as pessoas não fizessem a menção à LIBRAS, sinais eram privilegiados na educação de crianças. Huet trabalhou também na formação de outros dois professores, conhecido como os irmãos La Peña, que ajudavam na instrução dos surdos. A escola passou por mudanças radicais com a saída de Huet (então com sérios problemas financeiros e conflitos familiares) e com a entrada na administração de um médico chamado Tobias Rabello Leite (de 1868 até sua morte em 1896).

Complementando a fala da autora Gesser, Huet é surdo, professor e francês, dedicou sua vida a educar outros surdos. A convite do imperador Dom Pedro II, ele veio ao Brasil para ensinar com sua metodologia própria em Língua de Sinais Francesa e ajudou a fundar a primeira escola, intitulada Instituto Nacional de Educação de Surdo (Ines), localizada no Rio de Janeiro até hoje. O professor ministrava aula misturando a Língua de sinais Francesa com a Língua de Sinais Brasileira. Com o tempo, assim originou a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

1.2 Cultura, Comunidade e Identidades Surdas

O conceito de cultura é bastante complexo e irei resumir com minhas palavras a respeito. Nós, brasileiros, temos os mesmos costumes, tradições, alimentações regionais, crenças e conhecimentos. Nas palavras de Mourão (2011, p. 45), “Em geral, costuma-se dizer que cultura faz parte do povo e de seus costumes

compreendendo seu modo de vestir, sua comida, sua língua, sua crença, lendas e mitos, enfim são manifestações de suas práticas sociais”.

Segundo Hall (1997, p. 33):

O que aqui se argumenta, de fato, não é que “tudo é cultura”, mas que toda prática social depende e tem relação com significado: consequentemente, que a cultura é uma das condições constitutivas de existência dessa prática, que toda prática social tem uma dimensão cultural. Não que não haja nada além do discurso, mas que toda prática social tem o seu caráter discursivo.

Para Strobel (2008, p. 24) a Cultura Surda é:

O jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Ainda sobre Cultura Surda:

O essencial é entendermos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamentos (STROBEL, 2008, p. 25).

Assim como nós Surdos temos a cultura diferente do ouvinte, o que chamamos de Cultura Surda. Por exemplo, dentro de casa temos uma adaptação que é a questão da campainha luminária que nos ajuda visualizar através da luz sem precisar de uma pessoa ouvinte que possa atender alguém fora de casa; a questão de os surdos ficarem horas conversando em diversos lugares públicos, estão acostumados a irem embora por último; e o mais importante na nossa cultura é compartilhar a mesma língua: Libras.

Segundo Segala (2010, p. 20) que trata sobre cultura surda:

Através da interpretação do mundo, os surdos têm suas próprias representações culturais, crença, valores, princípios, políticas e costumes. Através de sua experiência visual, os surdos enriquecem e são também enriquecidos pela linguagem das artes, contação de histórias e piadas, teatro, literatura e poesia social. O surdo considera de suma importância em sua formação o respeito à diferença cultural, o que faz com que a identidade surda seja múltipla e multifacetada, e se adapte a diferentes tecnologias como despertadores vibradores, telefone surdo, celulares com vibracall, closed captions, campainhas com luz, webcam, videoconferência e outros. Portanto, a Língua de Sinais exprime uma língua própria, diferenças linguísticas e culturais.

Além disso, Karin Strobel descreveu sobre os artefatos culturais (experiência visual e literatura surda) que chama mais atenção na cultura surda do Brasil.

De acordo com Strobel (2008, p. 39):

Os sujeitos surdos, com a sua ausência de audição e do som, percebem o mundo através de seus olhos, tudo o que ocorre ao redor dele: desde os latidos de um cachorro – que é demonstrado por meio dos movimentos de sua boca e da expressão corpóreo-facial bruta – até de uma bomba estourando, que é óbvia aos olhos de um sujeito surdo pelas alterações ocorridas no ambiente, como os objetos que caem abruptamente e a fumaça que surge.

Desse modo, complementam autores surdos Perlin e Miranda (2003, p. 218):

Experiencia visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Ainda sobre os artefatos culturais, cito Mourão (2011, p. 45):

Os artefatos culturais criam representações sobre como é o surdo. A cultura que caracteriza um local, onde convivem os sujeitos, é construída nos processos sociais e práticas discursivas, através dos artefatos culturais. As manifestações das traduções culturais, dos valores e das artes de diferentes grupos correm o risco de desaparecer com o tempo, mas para que não desapareçam, essas manifestações são frequentemente modificadas, hibridizadas, tendo a possibilidade de circular em muitos locais.

Segala (2010, p. 23) diz:

Alguns exemplos de experiência visual para a cultura surda são: - tocar a campainha de luz; - preferir ler gibis e revistas a livros; - buscar filmes e programas de televisão com legenda e também filmes mudos; - preferir assistir ao teatro de surdos, teatro de mímica e circo do que a show de música; - privilegiar programas onde a linguagem visual seja mais importante que a percepção auditiva.

A comunidade surda possui a sua própria cultura, que define uso da sua língua de sinais, e também compartilha suas crenças de pessoas surdas entre si e com outras pessoas não surdas.

Ou seja, a comunidade surda é aquela que participa/convive na mesma comunidade, não somente surdos e sim ouvintes que são família, intérpretes, professores, entre outros, compartilhando o mesmo interesse em vários lugares, como por exemplo, associação de surdos, federações de surdos, igrejas, escolas, ponto de encontro de algumas cidades do Brasil.

Além disso, a comunidade surda frequenta vários lugares nas esferas artística, educacional, saúde, política, linguística, esporte e vários lugares que tenham acesso de informações: a Libras. Caso algum lugar não tenha acessibilidade, os surdos fazem o movimento para lutar pelos seus direitos de comunicação.

E quanto à literatura surda, tem uma tradição diferente da tradição de ouvintes como literatura europeia, brasileira etc. é mais próxima a culturas que transmitem suas histórias de forma oral e presencialmente.

Cito Karnopp (2008, p. 2):

Ela se manifesta nas histórias contadas em sinais, mas o registro de histórias contadas no passado permanece na memória de algumas pessoas ou foram esquecidas. Assim, estamos privilegiando a literatura surda contemporânea, após o surgimento da tecnologia, da gravação de histórias através de fitas VHS, CD, DVD ou de textos impressos que apresentam imagens, fotos e/ou traduções para o Português. O registro da literatura surda começou a ser possível principalmente a partir do reconhecimento da Libras e do desenvolvimento tecnológico, que possibilitaram formas visuais de registro dos sinais.

Ainda sobre literatura surda, segundo Karnopp e Machado (2006, p. 3):

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, conta da língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, pelas lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais.

Nas palavras de Segala (2010, p. 23):

Antes do surgimento da tecnologia de gravação, os surdos contavam as histórias presencialmente, sem a possibilidade de registros para gerações futuras, devido à falta de oportunidade de acessibilidade para escrever em português e também por acreditar que não tinham capacidade para divulgar seus conhecimentos, já que se julgavam inferiores e não possuidores de informação. Porém, no presente momento, a cultura surda está se desenvolvendo muito fortemente devido às formas atuais de registros, que podem ser feitas através de gravação de imagem e também pela escrita em português ou SignWriting.

Cito Strobel (2008, p. 56):

A literatura surda traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações dos povos surdos. A literatura se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais.

E por fim, a Identidade Surda é uma construção dentro do convívio da comunidade surda e que também adquire uma cultura surda. Cada sujeito surdo possui sua própria identidade. Eu, por exemplo, descobri a minha identidade no espaço de lazer no começo do meu convívio com a comunidade surda quando uma pessoa surda veio falar comigo: “Você não tem identidade!”.

Cito Hall (2006, p. 8) “Identidades culturais – aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”.

Aquilo na época me impactou, desde então, passei dias refletindo e pesquisando a respeito e encontrei uma das pesquisas importantes da autora Gladis Perlin⁷ que descreveu sobre cinco (5) Identidades Surdas com as quais me identifiquei.

- **Identidades Surdas:** estão presentes no grupo pelo qual entram os surdos que fazem uso com experiência visual propriamente dita. Noto nesses surdos formas muito diversificadas de usar a comunicação visual. No entanto, o uso de comunicação visual caracteriza o grupo levando para o centro do específico surdo. Wrigley (1996, p. 25), tenta descrever o mundo do surdo como “um país cuja história é reescrita de geração a geração... As culturas dos sinais bem como o ‘conhecimento’ social da surdez, são necessariamente ressuscitadas e refeitas dentro de cada geração” (PERLIN, 2015, p. 63).
- **Identidades surdas híbridas:** um outro tipo de identificação. São os surdos que nasceram ouvintes, e com o tempo se tornaram surdos. É uma espécie de uso de identidades diferentes em diferentes momentos, ou seja, como diz Wrigley (p. 14), “conhecem uma forma ontológica de existir através de experiência da audição”. Esses surdos conhecem a estrutura do português falado e usam-no como língua. Eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passam-na para a língua que adquiriram por primeiro e depois para os sinais (PERLIN, 2015, p. 64).
- **Identidades surdas de transição:** estão presentes na situação dos surdos que foram mantidos sob o cativo da hegemônica experiência ouvinte que passam para a comunidade surda, como geralmente acontece. Transição é o aspecto do momento de passagem do mundo ouvinte com representação da identidade ouvinte para a identidade surda de experiência mais visual. Normalmente, a maioria dos surdos passa por esse momento de transição, visto que é composta por filhos de pais ouvintes (PERLIN, 2015, p. 64).
- **Identidades surda incompleta:** é o nome que dou à identidade surda representada por aqueles surdos que vivem sob uma ideologia ouvintista latente que trabalha para socializar os surdos de maneira compatível com a cultura dominante. A hegemonia dos ouvintes exerce uma rede de poderes difícil de ser quebrada pelos surdos, que não conseguem se organizar ou mesmo ir às comunidades para resistirem ao poder. Aí pode dar início ao que chamo de situações dominantes de tentativa de reprodução de identidade ouvinte, com atitudes ainda necessária para sustentar as relações dominantes (PERLIN, 2015, p. 64)
- **Identidades surdas flutuantes:** elas estão presentes onde os surdos vivem e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes. Essa identidade

⁷ Gladis Teresinha Taschetto Perlin foi a primeira surda a obter o título de doutora no Brasil. Graduada em Licenciatura em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 1987, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1998, descreveu sua dissertação sobre: Histórias de Vida Surda: identidade em questão e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 2003, descreveu sua tese sobre: O Ser e o Estar sendo Surdo: alteridade, diferença e identidade

é interessante porque permite ver um surdo “consciente” ou não de ser surdo, porém vítima da ideologia ouvintista que segue determinado seus comportamentos e aprendizados. Existem alguns surdos que querem ser ouvintizados a todo custo. Desprezam a cultura surda, não tem compromisso com a comunidade surda. Outros são forçados a viverem a situação como que conformados a ela (PERLIN, 2015, p. 65).

No meu caso, me identifico como identidade surda de transição. Desde pequena, convivi com ouvintes e entre 23-25 anos de idade, passei a conviver com surdos e, desde então, construí a minha própria identidade.

CAPÍTULO II

2 O EDUCADOR SURDO: HISTÓRIA E DIREITOS

2.1 Constituição de 1988

A Constituição Federal de 1988 foi a primeira legislação direcionada para a educação especial na perspectiva inclusiva.

Mazzota e D'Antino (2011, p. 384) diz:

No Brasil, a partir da Constituição Federal de 1988, tem havido disposições legais e normativas focalizando o lazer para essas pessoas priorizando as condições de acessibilidade. Constata-se que, embora ainda de modo incipiente, cinemas, teatros, museus, parques e outras áreas destinadas ao lazer e à cultura têm sido projetados, construídos ou adaptados contemplando o acesso das pessoas com deficiências e que tenham necessidades especiais, de modo a diminuir os obstáculos à sua participação e à melhor utilização em situação de inclusão social.

No que diz respeito à acessibilidade e barreiras, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), na Norma Brasileira (NBR) 9050:15 sobre acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos, nos itens 3.1 e 3.2, define “acessibilidade” e “acessível” como:

Acessibilidade: possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida.

Acessível: espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias ou elemento que possa ser alcançado, acionado, utilizado e vivenciado por qualquer pessoa (FOMIN; CASTILHO, 2019, p. 226).

Segundo Fomin e Castilho (2019, p. 227), “Acessibilidade, portanto, não é apenas a eliminação de barreiras físicas”.

Em questão de acessibilidade, Elali, Araújo e Pinheiro (2010, p. 118) citam quatro tipos de barreiras a serem eliminadas: barreiras físicas, barreiras comunicacionais, barreiras sociais e barreiras atitudinais, onde:

Barreiras Físicas (ou arquitetônicas) referem-se às dificuldades e impossibilidades de uso dos espaços, edifícios, mobiliários e equipamentos urbanos (inclusive de transporte).

Barreiras Comunicacionais: têm relação com a impossibilidade de uso adequado do espaço pela falta de acesso à informação, aos sistemas de

comunicação disponíveis no ambiente, ou em seu entorno. Refere-se à falta de informações visuais, táteis, lumínicas ou auditivas.

Barreiras Sociais: são relacionadas aos processos de exclusão/inclusão social de grupos ou categoria de pessoas, especialmente as chamadas “minorias”.

E, por fim, as Barreiras Atitudinais: são as geradas pelas atitudes e comportamentos dos indivíduos, mesmo que não intencionais, que são impeditivos do acesso de outras pessoas a um determinado local ou espaço.

Oliveira (2015, p. 80) diz:

A Constituição de 1988 garante o direito de inclusão das pessoas com deficiência à educação, cultura e lazer, juntamente com o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008). Esses direitos passam a ser princípios fundamentais de desenvolvimento de políticas públicas que visam dar garantia à aquisição e permanência desses direitos. Todas essas leis e documentos oficiais reforçam o direito à educação, lazer e cultura desse grupo, denominado, em muitos casos, como “minoritário”.

Portanto, há no Brasil, vários documentos e leis que asseguram os direitos das pessoas com deficiência e a seguir tem o Plano Nacional de Educação (PNE) que foi constituído de vinte metas.

2.2 Plano Nacional de Educação (PNE)

O Plano Nacional de Educação (PNE) é o plano decenal que foi aprovado pela Lei n.º 13.005/2014 e que estará em vigor até 2024.

De acordo com Oliveira (2015, p. 80):

O PNE é constituído de vinte metas básicas, que têm como objetivo melhorar os princípios de educação, no que diz respeito à educação básica e nível superior, tratando de forma cautelosa a formação de especialistas para atuarem na educação regular e especializada do ensino. Para concretizar essas metas foram pensados planos estratégicos que levem a seu alcance.

No capítulo 1, abordei resumidamente a origem da Libras e neste capítulo 2 vou abordar, em resumo, a educação bilíngue, complementando o decreto n.º 5.626/05 para facilitar a contextualização e o entendimento e as estratégias da meta 4 relacionadas com a educação de surdos no Brasil e com educadores nos museus de São Paulo, que nos fazem refletir sobre isso, porém com uma visão diferenciada para educação de surdos, pois estes possuem a sua própria cultura. O PNE contribui com algumas estratégias, porém são escassas para comunidade surda, pois infelizmente os ouvintes desconhecem a importância da educação de surdos e

também a importância dos educadores profissionais surdos nos museus, eles (surdos) têm seus costumes em sua própria cultura que define o uso de língua de sinais e além disso, compartilham crenças das pessoas surdas entre si e também com outras pessoas não surdas.

2.2.1 Educação bilíngue

O bilinguismo visa capacitar a pessoa com surdez para a utilização de duas línguas: a língua de sinais e a língua da comunidade ouvinte. Desde que o decreto n.º 5.626/05 regulamentou a Lei de Libras, a proposta educacional começou a se estruturar e, assim, os surdos passaram a ter direito ao conhecimento a partir desta língua. No português, é utilizado na modalidade escrita, sendo a segunda língua, e a educação dos surdos passa a ser bilíngue.

Após o decreto, os surdos passaram a ter direito ao conhecimento a partir desta língua. O ideal, é que a criança adquira primeiro a língua de sinais e, depois a língua portuguesa para que facilite a sua compreensão, uma vez que o aprendiz da segunda língua utiliza a primeira como estratégia de aprendizagem.

“São denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo” (BRASIL, 2005, n.p.).

O Decreto dispõe que, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a educação bilíngue deva ser desenvolvida por intermédio de professores bilíngues. Depreende-se, assim, que os espaços previstos para a escolarização inicial devam ser organizados de forma que a Libras seja a língua de interlocução entre professores e alunos, logo a língua de instrução, responsável por mediar os processos escolares (por isso a necessidade de os professores serem bilíngues), já que a linguagem escrita da língua portuguesa não pode, por sua materialidade, ser utilizada na relação imediata entre professor-aluno durante o processo de ensino-aprendizagem.

“Os alunos surdos têm tido acesso à língua de sinais brasileira tardiamente, pois as escolas não oportunizam o encontro adulto surdo- aluno- surdo. Eles encontram os surdos adultos na fase da adolescência, normalmente, por acaso” (QUADROS, 2005, n.p.).

Para pensar em escola bilíngue é importante considerar que currículo deve estar permeado pela questão da Cultura Surda, porque essa escola deve ser entendida não como uma adaptação da escola de ouvintes para crianças surdas e sim como espaço para alunos Surdos, ou seja, onde sejam consideradas suas especificidades (NAKASATO, 2019, p. 47-48).

Os pais ouvintes precisam descobrir este mundo essencialmente visual-espacial e conhecer a língua de sinais. As crianças surdas e seus pais ouvintes poderiam compartilhar o bilinguismo: língua portuguesa e língua de sinais brasileira e ir além descobrindo os vieses das culturas e identidades que se entrecruzam. Possibilitar a aquisição da linguagem das crianças surdas implicará um desenvolvimento mais consistente do seu processo escolar (QUADROS, 2005, n.p.).

“No entanto, as propostas bilíngues estão estruturadas muito mais no sentido de garantir que o ensino de português mantenha-se enquanto a língua de acesso ao conhecimento” (QUADROS, 2005, n.p.).

2.2.2 Meta 4: Educação Especial, Altas habilidades etc.⁸

Universalizar, para a população de 4 (quatro) a 17 (dezessete) anos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, o acesso à educação básica e ao atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino, com a garantia de sistema educacional inclusivo, de salas de recursos multifuncionais, classes, escolas ou serviços especializados, públicos ou conveniados (BRASIL, 2014).

Selecionei 5 (cinco) estratégias para refletir a relação entre educação de surdos e dos educadores profissionais surdos e o Plano Nacional de Educação (PNE) e a relação entre educadores profissionais nos museus de São Paulo e o PNE.

2.2.2.1 Reflexão acerca da relação da educação de surdos e dos educadores profissionais surdos no Plano Nacional de Educação (PNE)

Refletindo a relação entre educadores profissionais surdos e Plano Nacional de Educação (PNE), há uma citação com foco na acessibilidade e estratégia na meta 4.

⁸ Disponível em: http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf. Acesso em: 30 maio 2020.

Os Surdos têm direito à garantia de pessoas surdas nas esferas educacionais e sociais como jurídica, midiática, saúde, conferências e a esfera artístico-cultural e, com isso, o espaço tem aumentado bastante, inclusive o espaço mais acessível à comunidade surda, usuária da Língua Brasileira de Sinais, daí a importância da presença dessa língua como referência para fazer a mediação com público surdo.

4.6) manter e ampliar programas suplementares que promovam a acessibilidade nas instituições públicas, para garantir o acesso e a permanência dos (as) alunos (as) com deficiência por meio da adequação arquitetônica, da oferta de transporte acessível e da disponibilização de material didático próprio e de recursos de tecnologia assistiva, assegurando, ainda, no contexto escolar, em todas as etapas, níveis e modalidades de ensino, a identificação dos (as) alunos (as) com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2014 n.p.).

Durante muito tempo, os alunos surdos não tiveram acesso a informações suficientes por falta de tradutor/intérpretes de Libras e guia-intérpretes para surdo-cegos nas escolas regulares e escolas bilíngues. Além disso, nos espaços culturais como, por exemplo, nos museus, teatros, artes etc. e assim a escola possa oferecer atividades externas em Libras, levando-os para os espaços culturais com direito ao acesso de informações, não criando a barreira de comunicação.

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos (BRASIL, 2014, n.p.).

Graças a Lei de Libras, passou a valer a disfunção e a importância da Língua de Sinais para Surdos.

A pessoa surda necessita de professores surdo/ouvintes bilíngues com formação adequada e nas escolas regulares/bilíngues tradutor/intérprete de Libras assim como também para o espaço cultural.

Quanto ao atendimento educacional especializado, na sala não auxilia suficiente no ensino de aprendizagem para o aluno surdo. É recomendado que ele esteja inserido em uma escola bilíngue:

4.13) apoiar a ampliação das equipes de profissionais da educação para atender à demanda do processo de escolarização dos (das) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo a oferta de professores (as) do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores (as) e intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdos-cegos,

professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues (BRASIL, 2014, n.p.).

É inadmissível a falta de acessibilidade nos espaços culturais para os surdos. Portanto, é importante a escola criar a parceria com instituições culturais e, também, de outras instituições não culturais para a oferta da produção de material e recurso didático acessível. É insuficiente o material adaptado de forma visual para os surdos, pois os ouvintes ainda desconhecem essa língua materna e desconhecem a Cultura Surda.

Além disso, algumas escolas têm parceria com alguns museus para fazer uma visita educativa inclusiva intermediada entre os alunos surdos e educadores profissionais surdos, pois têm uma relação conjunta da Língua Brasileira de Sinais.

4.18) promover parcerias com instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com o poder público, visando a ampliar a oferta de formação continuada e a produção de material didático acessível, assim como os serviços de acessibilidade necessários ao pleno acesso, participação e aprendizagem dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação matriculados na rede pública de ensino (BRASIL, 2014, n.p.).

Através dessa parceria, os alunos surdos ficam inseridos culturalmente, pois é raro os surdos que têm pais ouvintes participativos, devido à barreira de comunicação. Além disso, os pais, na maioria das vezes, não têm conhecimento e dificilmente acompanham a vida escolar dos seus filhos devido à barreira linguística, por ter tido a Língua Portuguesa como primeira língua. É indispensável que os pais ouvintes aprendam Libras. Essa língua deveria ser inserida na esfera educacional, com oferecimento de curso pela escola, pois assim cria-se a interação entre os pais e os filhos surdos para atividades, internas e externas, escolares.

4.19) promover parcerias com instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com o poder público, a fim de favorecer a participação das famílias e da sociedade na construção do sistema educacional inclusivo (BRASIL, 2014, n.p.).

A respeito do currículo, segundo Nakasato (2019, p. 38):

Para compreender educação, é de suma importância que se entenda o que significa currículo na sua relação com a identidade da escola e como elemento central do projeto educativo da escola (ABRAMOWICZ, 2006). É no currículo que se encontram as teorias educacionais e a prática escolar.

Sobre o conceito de currículo, cito Queiroz (2021, p. 44):

O conceito de currículo não pode ser definido como único, pois a diversidade de professores, escolas, alunos, interdisciplinaridades, culturas,

políticas, ideologias caracterizam sua flexibilidade ao longo do tempo, uma adequação ao público atendido. Currículo é um instrumento social que é composto com a participação de cada interface na autonomia do indivíduo em comunidade; uma construção contínua valorizando o conhecimento e transformando a escola em um espaço democrático que prepara o indivíduo para a vida social e profissional.

No meu ponto de vista, a escola regular inclusiva é muito diferente da escola bilíngue, pois na escola regular inclusiva, o surdo geralmente fica isolado por ter uma barreira linguística e a escola desconhece a informação sobre a cultura surda e na comunidade surda, os ouvintes utilizam a comunicação oral, incluindo os professores. Dessa forma, torna-se a metodologia de ensino fraca e fica difícil de desenvolver para os alunos surdos. A presença de profissionais, tradutor/intérprete, de Libras não é suficiente para garantir a aprendizagem dos alunos surdos, pois o profissional precisa traduzir e interpretar em Libras para o português e português para Libras durante a intermediação entre o profissional e o aluno surdo. Já na escola bilíngue, é mais fácil, pois já tem metodologia de ensino mais desenvolvida e mais forte, adaptada para os alunos surdos, incluindo os professores surdos/bilíngues que ensinam em Libras e na modalidade escrita em português. Assim, duas línguas juntas têm uma aprendizagem cognitiva melhor por utilizar a mesma língua.

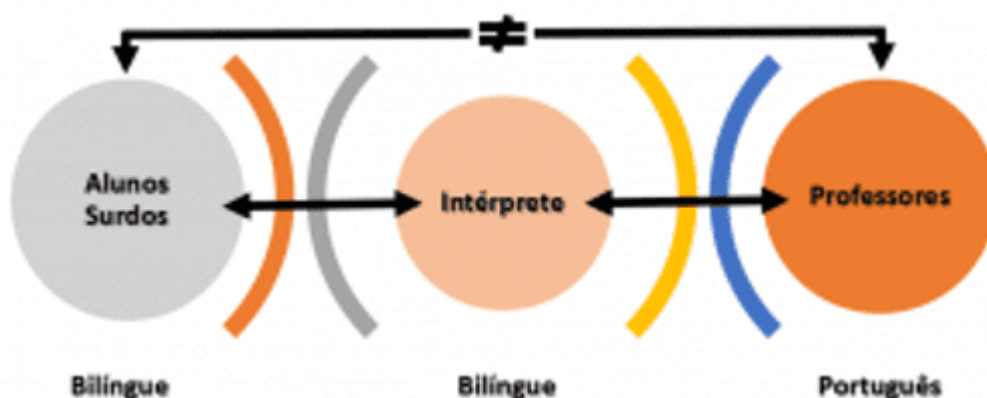
Feitas as distinções entre escola inclusiva e escola bilíngue, aproveito explicar melhor a respeito do papel de Tils na sala de aula.

Cito Lacerda (2010, p. 137):

O Tils é um profissional fundamental para mediar o acesso aos conhecimentos para alunos surdos, conforme prevê o Decreto 5.626. Nesta direção, torna-se fácil compreender a demanda crescente por este profissional, já que muitos surdos ingressam a cada ano nas escolas, além daqueles que estavam fora dela por não terem como avançar em seus estudos e conhecimentos em um projeto educacional monolíngue. Eles se encaminham para o espaço escolar em busca de conhecimento sentindo-se acolhidos pela presença da Libras. Todavia, este profissional tem sido historicamente constituído na informalidade, nas relações sociais, pela demanda dos próprios surdos que inúmeras vezes precisam de intérpretes para mediar sua comunicação com ouvintes.

Na sala de aula, onde tem alunos surdos que acompanham com o auxílio de Tils, conforme a figura 3, “esse profissional precisa realizar a interpretação de uma língua falada para a sinalizada e vice-versa” (ALMEIDA; CÓRDULA, 2017).

Figura 3 - Comunicação ente alunos surdos, intérprete e professores na escola



Fonte: Almeida e Córdula (2017).

Portanto, o papel de Tils é importante na manutenção de comunicação entre os professores e os alunos surdos. Entretanto, atuar como tradutor/intérprete requer tempo de preparo como, por exemplo, receber o material com muita antecedência para preparação de estudos e garantir a qualidade de interpretação simultânea na sala de aula.

Em relação a isso, Lacerda (2010, p. 139) diz:

Na página da FENEIS disponível na internet (FENEIS, 2009), afirma-se que a formação oferecida busca orientar e esclarecer sobre aspectos importantes na situação de interpretação, sem detalhar, entretanto, quais seriam estes aspectos. Defende-se que o profissional intérprete deve conhecer profundamente a Libras e as técnicas de interpretação, mantendo sua postura ética profissional, atento ao vestuário, “aparência pessoal, iluminação, local, fundo visual, barulhos laterais, acomodações, posição natural para sinalizar, tempo de interpretação, expressões faciais, uso do alfabeto manual, tautologia, expressões idiomáticas, possíveis distrações e outros” (FENEIS, 2009).

Para a FENEIS, o intérprete deve ser imparcial, não deixando que suas opções pessoais, religiosidade ou amizades interfiram em seu trabalho, e o fato de a pessoa ser filha de pais surdos não a capacita automaticamente para atuar como intérprete, já que uma aprendizagem específica para esta função se faz necessária. A entidade contribui para o fortalecimento e reconhecimento da carreira de intérpretes, realizando cursos de capacitação e oficinas de aprimoramento, além de encontros para discussão de temas relacionados à área.

Em relação à preparação para tornar-se TILS, a FENEIS indica que os interessados devem frequentar cursos de língua de sinais e conviver com pessoas surdas nas associações, para desenvolverem um uso efetivo da língua em situações de comunicação concretas. Contudo, apenas conhecer a Libras não é suficiente, sendo necessário ter boa fluência para poder interpretar, versando sentidos do Português para a Libras e vice-versa.

Quanto ao museu, a presença de Tils é de extrema importância no espaço, pois fornece apoio para o (a) educador (a) surdo (a) na comunicação entre surdo (a) e ouvinte nas reuniões, no estudo de formação do educador, da recepção do público ouvinte e entre outros fatores para servir de quebra da barreira comunicacional, assim fortalece a parceria entre educador surdo e Tils.

Portanto, “é possível considerar que o tradutor e o intérprete são profissionais ponte, ou seja, favorecem que uma mensagem cruze ‘barreiras linguísticas’ entre duas comunidades [...]” (LACERDA, 2013, p. 16). “No caso em questão, as barreiras de comunicação entre surdos e ouvintes são superadas quando se faz presente o profissional” (OLIVEIRA, 2015).

Oliveira (2015 p. 89) discute que:

Isso implica na garantia de participação deste educador em palestras e cursos de formação oferecidos no dia a dia por essas instituições, bem como nas reuniões e discussões de temas de sua própria atuação como profissional e também nas questões internas da instituição onde esse educador atua.

Complementando a discussão, Fomin e Castilho (2019, n.p.) salientam que:

Faz-se importante salientar também que é a partir do reconhecimento da Libras com status linguístico através da Lei 10.436/2002, e regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS através da Lei 12.319/2010, que se percebe uma crescente presença de profissionais TILS nas mais diversas esferas sociais, inicialmente na esfera educacional e de conferências, e, a posteriori e ainda de forma incipiente, na esfera artístico-cultural.

Fomin e Castilho (2019, n.p.) afirmam que:

Pensando dessa forma, o museu não apenas contrata um TILS como um mero recurso de atuação e resolução de questões de acessibilidade, mas incorpora a Libras ao seu cotidiano e além de propor uma série de ações para o público surdo, ganha novas formas de criação artística. Com o público surdo, aprendemos que o corpo fala. Conhecemos a força de uma língua sem a oralidade. Compreendemos que a ausência da audição gera a criação de comunidades, com língua e cultura próprias, e pudemos nos aproximar delas e desenvolver pesquisas e criações poéticas. Hoje, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) integra toda a programação do MAM, em sua potente e expressiva dimensão visual, nos cursos, oficinas, saraus, seminários, flash mobs, filmes, manifestos, narrações de histórias e espetáculos literários musicais. Essas iniciativas geram a compreensão e a difusão da cultura surda, fortalecem sua identidade e permitem que os surdos desenvolvam ações culturais que conectam sua língua com as linguagens da arte (LEYTON, 2015b, p.10 *apud* FOMIN; CASTILHO, 2019, n.p.).

Para tal, é fundamental a interação entre o educador surdo e o público surdo, que permita a língua de sinais de maneira informal dentro na tradução de línguas durante a mediação para que o público possa compreender as obras de arte.

Por que estou falando de acessibilidade entre educador surdo e público surdo se os dois falam a mesma língua de sinais? Para esclarecer que o espaço é Língua Portuguesa como L1 para ouvintes e L2 para surdos. Quando falamos de inclusão, significa que temos educador surdo e temos a primeira língua como L1 que é a Libras. Isso que é acessibilidade, ou seja, temos acesso de informação ao mundo da arte. Outros detalhes sobre o direito de acesso à informação nos museus serão apresentados no terceiro capítulo.

2.3 Lei Brasileira de Inclusão (Estatuto da Pessoa com Deficiência)

É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015).

Cabe destacar a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) – Lei n.º 13.146/2015, em seu capítulo I “Das disposições gerais”, a respeito de acessibilidade, inclusive que serve para pessoas surdas:

Art. 3º Para fins de aplicação desta Lei, consideram-se:

I - acessibilidade: possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida;

II - desenho universal: concepção de produtos, ambientes, programas e serviços a serem usados por todas as pessoas, sem necessidade de adaptação ou de projeto específico, incluindo os recursos de tecnologia assistiva;

III - tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2015, n.p.).

Também vale destacar sobre barreiras:

IV - barreiras: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros, classificadas em:

d) barreiras nas comunicações e na informação: qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação (BRASIL, 2015, n.p.).

Além disso, a comunicação é um direito de todos os cidadãos, inclusive, os surdos:

V - comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações (BRASIL, 2015, n.p.).

É importante dar destaque um dos títulos do capítulo IX que fala sobre “Do direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer” e um dos títulos III do capítulo II “Do acesso à informação e a comunicação” e capítulo III “Da tecnologia assistiva” nesta lei:

Art. 42. A pessoa com deficiência tem direito à cultura, ao esporte, ao turismo e ao lazer em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, sendo-lhe garantido o acesso:

I - a bens culturais em formato acessível;

II - a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais e desportivas em formato acessível; e

III - a monumentos e locais de importância cultural e a espaços que ofereçam serviços ou eventos culturais e esportivos.

Art. 43. O poder público deve promover a participação da pessoa com deficiência em atividades artísticas, intelectuais, culturais, esportivas e recreativas, com vistas ao seu protagonismo, devendo:

I - incentivar a provisão de instrução, de treinamento e de recursos adequados, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas;

II - assegurar acessibilidade nos locais de eventos e nos serviços prestados por pessoa ou entidade envolvida na organização das atividades de que trata este artigo; e

III - assegurar a participação da pessoa com deficiência em jogos e atividades recreativas, esportivas, de lazer, culturais e artísticas, inclusive no sistema escolar, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Art. 67. Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:

I - subtítuloção por meio de legenda oculta;

II - janela com intérprete da Libras.

Art. 74. É garantido à pessoa com deficiência acesso a produtos, recursos, estratégias, práticas, processos, métodos e serviços de tecnologia assistiva que maximizem sua autonomia, mobilidade pessoal e qualidade de vida (BRASIL, 2015, n.p.).

A tecnologia assistiva permite utilizar um recurso para que as pessoas com deficiência possam acessar os conteúdos acessíveis enquanto o (a) educador (a) surdo (a) não está presente nos museus. Por exemplo, o videoguia é um dos recursos da tecnologia assistiva mais utilizado pela comunidade surda nos museus.

Segundo a norma 9050 (ABNT, 2004), tecnologia assistiva é o conjunto de técnicas, aparelhos, instrumentos, produtos e procedimentos que visam auxiliar a mobilidade, percepção e utilização, do meio ambiente e dos elementos, por pessoas com deficiência.

Encontramos os conteúdos acessíveis de videoguia gravados em Libras na modalidade expositiva. Há dois tipos: fixo e móvel. O fixo fica na parede junto com a obra instalada nos museus e o móvel possui um aparelho como, por exemplo, o tablet e, assim, o surdo pode transitar junto com videoguia móvel no museu. Os surdos têm autonomia de fazer escolhas para assistirem de acordo com a obra exposta nos museus.

Dos Museus-Casas Literários, possuem videoguia somente a Casa Guilherme de Almeida, no bairro de Sumaré e a Casa das Rosas, na Avenida Paulista. Os dois ficam na capital de São Paulo. A Casa Mário de Andrade está sendo preparada para receber e utilizar o videoguia. Os videoguias contêm um menu com diversas faixas de conteúdo, começando com uma breve introdução sobre os Museus-Literários e suas regras e, em seguida, apresentam os conteúdos, como: breve contexto histórico da exposição e a mediação das obras expostas nos museus. Todos são acessíveis em Libras e legendados em português. O da Casa Guilherme de Almeida foi gravado por um educador ouvinte, fluente em Libras e o da Casa das Rosas foi gravado por uma convidada surda, em Libras.

Figura 4 - Videoguia nos Museus-Casas Literários



Fonte: Natália Nascimento (2021).

Além disso, é relevante citar as ações realizadas em São Paulo que, atualmente, contam com alguns espaços culturais que também se preocupam com acessibilidade para surdos, por exemplo como atender os surdos esporadicamente caso os educadores surdos não estejam de folga. Dentre os espaços, podemos citar: Centro Cultural Banco do Brasil, Caixa Cultural, Itaú Cultural, Museu de Arte Moderna, Pinacoteca, Casa Guilherme de Almeida e Casa das Rosas.

Oliveira (2015, p. 40) diz:

Alguns museus do interior de São Paulo, também ligados à Secretaria de Estado da Cultura, gerenciados pela organização social de cultura Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari (Acam Portinari), adotaram, em suas propostas, a possibilidade de visitas educativas em Libras, com o uso de videoguia na ausência de um educador surdo, recurso de tecnologia assistiva que dá conta de atender o público surdo visitante. Esse recurso pode ser encontrado no Museu Casa de Portinari e no Museu Histórico Pedagógico Índia Vanuêre, museus esses que ampliaram seu olhar para as questões de acessibilidade desde 2006, quando, por meio do Programa Educativo Públicos Especiais da Pinacoteca do Estado, com o apoio da empresa Visa do Brasil e, na época, da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM), tiveram a oportunidade de participar do Programa de Formação em Acessibilidade e Ação Educativa Inclusiva em Museus.

Ainda a respeito da tecnologia assistiva, Oliveira (2015, p. 43) ressalta que:

Nesse sentido, as ações educativas em Libras no Brasil avançam de forma significativa, pois já temos a preocupação não somente de ter um recurso de tecnologia assistiva, ou um intérprete de língua de sinais, mas acima de

tudo a presença de um educador surdo, que possui o conhecimento da língua e cultura desta comunidade.

O que pode ser constatado em consulta ao Guia de Acessibilidade Cultural da Cidade de São Paulo, promovido pelo Instituto Mara Gabrilli, é que a grande parte dos espaços culturais de São Paulo não tem educador surdo, mas sim intérpretes de Língua de Sinais que são contratados eventualmente para determinadas ações e demandas específicas de cada espaço, sendo eles educadores ouvintes que tenham conhecimento em Libras.

Sendo assim, podemos concluir que a acessibilidade nos museus pressupõe atualmente o desenvolvimento de novas estratégias de mediação que eliminem principalmente as barreiras de acessibilidade comunicacional e atitudinal, e não apenas barreiras físicas e arquitetônicas.

Oliveira (2015, p. 44) afirma:

Encontrar nessa diferença a sua identidade, e não a sua limitação e estereótipos do que seja o sujeito surdo, é o ponto-chave da questão: transformar os espaços culturais em locais em que a cultura surda também se faça presente.

É importante compreender que a comunicação do surdo é diferente, mas possível de acontecer. O que possibilita essa comunicação nos espaços museológicos são as estratégias de mediação adotadas e, principalmente, a presença de um educador surdo que seja mediador e construtor do processo de mediação, construtor desta identidade, ou a presença de um intérprete de Libras, com conhecimento específico na cultura surda.

Hoje, infelizmente, possuímos somente quatro (4) educadores surdos nos museus na cidade de São Paulo, são eles: Itaú Cultural, Museu de Arte Moderna, Pinacoteca e Museu da Inclusão, todos com contratação efetiva. Nos demais, acredito que temos educadores ouvintes com fluência em Libras e com algumas contratações temporárias.

CAPÍTULO III

3 O MUSEU E O EDUCADOR SURDO REFERÊNCIA

3.1 Educação não formal em espaços culturais

De acordo com Carvalho e Lima (2017) diz que “as propostas de educação em espaços não formais começaram a ganhar força na segunda metade do século XX”.

Carvalho e Lima (2017, p. 5) afirmam:

De acordo com Trilla (2008), essas propostas e discursos pedagógicos tiveram projeção devido a fatores sociais, econômicos e tecnológicos que geraram novas demandas educacionais e suscitaram possibilidades pedagógicas não escolares que buscaram satisfazer essas necessidades.

A respeito da definição do espaço não formal, Gohn (2016, p. 60) afirma:

Neste estudo, discorro sobre o fato de que um dos grandes desafios da “educação não formal” tem sido defini-la, caracterizando-a pelo que é. Usualmente, ela é definida pela negatividade – pelo que ela não é. Para chegar ao conceito que construímos, vamos demarcar os sentidos e significados que têm sido atribuídos à educação não formal, bem como as polêmicas que estes têm gerado. A posição mais usual é que a contrapõe a educação não formal à educação formal/educação escolar. Quando abordo a educação não formal, a comparação com a formal é quase que automática. O termo “não formal” também é usado por alguns investigadores como sinônimo de informal. Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre esses conceitos. Em princípio, é possível demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal é aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, no bairro, no clube, durante o convívio com os amigos etc. –, carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente por intermédio de espaços e ações coletivas cotidianas. A educação não formal não tem o caráter formal dos processos escolares, normatizados por instituições superiores oficiais e certificadoras de titularidades. Difere da educação formal porque esta última possui uma legislação nacional que normatiza critérios e procedimentos específicos. A educação não formal lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, pelo fato de não ter um currículo definido a priori, quanto a conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas.

A inclusão nos espaços não formais é fundamental, pois ela está ligada a pessoas com deficiência. Assim, torna-se uma sociedade inclusiva e todas as pessoas com deficiências possuem direitos e deveres iguais. Direito de ter acesso à educação, lazer, saúde e cultura.

3.2 Educador surdo referência como protagonista no museu

O museu é o espaço não formal que preserva os acervos da cidade e do país, lugar para refletir e trocar conhecimento entre o educador profissional e o público.

De acordo com a Lei n.º 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009, n.p.).

Apesar do mercado profissional de educadores surdos, que é escasso, vale salientar que, na época, eram uns sete (7) profissionais surdos no geral, sendo que atualmente contamos com quatro (4) educadores surdos, como anteriormente citado.

Através do Decreto Federal 5.626/2005, Libras é uma língua de reconhecimento nacional e trata-se de meio de comunicação da comunidade surda brasileira. Com esse decreto, há direito a garantia de pessoas surdas em todas as esferas públicas formais e não formais e, com isso, o espaço tem aumentado bastante, inclusive o espaço mais acessível à comunidade surda, usuária a Língua Brasileira de Sinais, daí a importância da presença dessa língua como referência para fazer a mediação com público surdo.

Destaco a fala do educador surdo, que hoje trabalha na Instituição Itaú Cultural. Edvaldo Carmo dos Santos descreveu sobre educadores surdos nos espaços de educação e cultura:

As instituições culturais e os museus são abertos para a todos os públicos, mas necessitam de um olhar especial para o público com deficiência, para que de fato este possa ocupar espaço na cultura.

Além do olhar para o público, é necessário pensar em educadores surdos ocupando esses espaços não formais de educação, para atender não apenas o público surdo, mas também o ouvinte.

O educador surdo torna-se uma referência para o público, que tem a possibilidade de mudar seu olhar a respeito da surdez e da língua de sinais numa visita mediada em libras está em primeiro plano enquanto o português ocupa um lugar secundário na voz do intérprete. Dessa forma, é possível perceber as diferentes possibilidades de atuação da pessoa surda (SANTOS, 2018, p. 117).

A respeito da cultura surda Fomin (2018, p. 27) traz uma discussão e afirma “a cultura se materializa na linguagem e nas práticas sociais, que, ainda que

marginalizadas, exercem força constitutiva de discursos”. Para essa discussão, Klein e Lunardi-Lazzarin (2011, p.18) afirmam:

A Libras teve por muito tempo o seu uso proibido em escolas ou enquanto a libras ainda não era reconhecida “não havia espaço nem aceitação para as produções culturais em sinais”, e também não havia o reconhecimento de cultura surda nem publicações a este respeito. Contudo, a cultura e a língua de sinais sempre estiveram vivas e “entre os surdos, circulavam histórias sinalizadas, piadas, poemas, histórias de vida, mas em espaços que ficavam longe do controle daqueles que desprestigiavam a língua de sinais”.

E complementando sobre a cultura, como espaço da diversidade, temos Tojal (2007, p. 79):

A cultura tem como princípio possibilitar tanto o reconhecimento da identidade de um povo ou nação como também possibilitar o reconhecimento da sua diferença – de quem somos frente à diversidade do outro – isto posto, não pode atualmente ser entendida senão como território da diversidade.

Quando o profissional surdo se torna referência de vários espaços culturais, é assim que defino de protagonista, como a autora Oliveira (2015, p. 29) diz que: “a constatação de que o surdo visita o museu deveria ser atendido por outro surdo, e que esse educador fosse não só o conhecimento da Libras, como também tivesse conhecimento da cultura surda”. Por isso, saliento a importância de inserir o educador surdo nas instituições culturais como profissional de trabalho.

De acordo com a Lei n.º 10.098, de 2000, que “estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida” (BRASIL, 2000, n.p.), segundo o artigo 17 que garante o direito de comunicação da participação do povo surdo em instituições culturais como nos museus:

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer (BRASIL, 2000, n.p.).

Segundo Fomin (2018, p. 33):

Para pessoas surdas a falta de acessibilidade está principalmente relacionada ao direito de comunicação, e o reconhecimento da libras com status linguísticos e como meio de comunicação da comunidade surda brasileira vem através da Lei 10.436/02, que também relaciona o uso de língua de sinais e a compreensão do mundo através de experiências visuais da pessoa surda com a sua cultura.

Neste sentido, renito que é importante a presença do educador surdo para ter uma compreensão de facilidade do público justamente por ter partilhado da mesma língua de sinais e vivência na cultura surda.

Ao longo da minha pesquisa de dissertação, fui motivada a escrever cada vez mais e fui conversando, naturalmente, com a minha colega de trabalho sobre o quão é fundamental ter o surdo como protagonista no trabalho. Uma frase dela me impactou. Ela me disse: “o preconceito nasce da ignorância!” E é exatamente a essa conclusão que chegamos. Quando há falta de acessibilidade em outros espaços culturais, também há falta de protagonismo surdo, pois muitos funcionários acham que os surdos não visitam os museus, daí o preconceito nasce da ignorância, infelizmente.

3.3 Como começou a inserção das pessoas surdas no museu?

Em 2002, tudo começou com o curso de formação chamado “Aprender para Ensinar”, o curso que fazia parte no programa do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) convocou duas artistas educadoras: Cibele Toledo Lucena e Joana Zatz Mussi que desconheciam os jovens surdos. Além disso, desconheciam a Língua de Sinais. Naquela época, o grupo de jovens surdos da escola especial para surdos (a localização da escola é muito próxima do MAM), visitava o museu. Foi a partir daí que se criou o curso de formação.

O MAM já tinha inaugurado o programa *Igual Diferente*⁹ que: “em parceria com instituições de saúde mental e de atendimento especializado para pessoas com deficiência, oferecia cursos gratuitos de arte para os chamados loucos e deficientes aos olhos da normalidade” (LUCENA, 2017, p. 29).

As duas educadoras, Cibele e Joana, aceitaram o desafio de ministrar o curso e elaboraram um curso anual com aulas semanais, aberto em 2002, para os alunos da Escola Especial da Divisão de Educação Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic⁹), atualmente Escola de Educação Bilíngue para Surdos da Derdic, que fica localizada na Vila Mariana e está próxima ao parque do Ibirapuera.

⁹ “A Derdic é uma Unidade Suplementar da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que funciona como escola, clínica de reabilitação e centro de pesquisa” (LUCENA, 2017, p. 29).

Desse modo, os educadores profissionais surdos começaram a trabalhar, depois de alguns anos do curso *Aprender para Ensinar*. Lucena (2017, p. 32) afirma que:

[...] conquistou a contratação de dois alunos do curso como educadores do MAM-SP, deixando de ser apenas uma experiência piloto circunscrita a um programa educativo para inventar uma profissão antes impensável para os surdos: o educador de museu. Com o tempo, outros alunos passaram a ser contratados em outros espaços e instituições culturais da cidade.

Sabrina Denise Ribeiro foi a primeira educadora surda a trabalhar no Museu Afro Brasil e, atualmente, ela é educadora profissional no Museu de Pinacoteca. O segundo educador profissional é Leonardo Barbosa Castilho, que atualmente trabalha no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) e o terceiro educador profissional é Edvaldo Carmo Santos, que também trabalha, atualmente, na instituição Itaú Cultural. Os três tiveram formação no curso *Aprender para Ensinar*. Além disso, outros museus como Centro Cultural Banco do Brasil, a Bienal de São Paulo e outras ações culturais, também contrataram os educadores surdos através desse curso de formação. Alguns deles, com contratação efetiva e outros, com contrato temporário.

Dayna Leyton, que foi coordenadora do MAM no setor educativo (2014), descreveu a sua experiência de ter contato com o educador surdo no MAM:

Lá atrás a gente começou nessa experiência de formar educadores para que eles tivessem a experiência de atender escolas e no começo nós não víamos isso como um mercado, mas sim a capacidade que eles tinham de ressignificar e modificar o mundo como estava apresentado para eles. Com a falta de escolas de surdos e falta de referência de surdos que trabalhassem o que hoje se apresenta diferente, embora falte muito, eles possuem um campo de atuação.

A partir daí surgiu o questionamento: por que os espaços culturais não têm educadores integrados na sua própria equipe? Começou com a Pinacoteca pela contratação da Sabrina, o MAM contratando o Leo, o Museu afro, o Edinho.

Todos eles, todos saíram daqui esse curso durou bastante tempo, de 2002 até 2009. Formando várias pessoas que a gente tem notícia que não estão trabalhando em espaços culturais, estão trabalhando em outros espaços ligados ao público.

A gente acha que foi uma ação significativa para essas gerações; que se ampliava o campo de atuação desses surdos. Dali pra cá algumas coisas mudaram na legislação, também começou a lei de cotas, então hoje nós temos muitos surdos empregados, porém não no trabalho que eles queiram [...] ¹⁰.

Ainda sobre a questão de acesso ao museu, Dayna Leyton traz discussão a respeito da importância da Libras e de acessibilidade:

¹⁰ Daina Leyton em entrevista concedida a Margarete Oliveira (2015, p. 87).

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), que foi reconhecida por lei como língua oficial do Brasil no ano de 2002, passou a ser compreendida no MAM não apenas como uma iniciativa de acessibilidade do museu, que assegura o direito do público surdo de ser atendido em sua língua primeira, mas também como um potente recurso expressivo e poético. Para contemplar esse direito intrínseco, o museu buscou a passar também a se comunicar na Língua Brasileira de Sinais. Atualmente, com o aumento do interesse dos ouvintes pela Libras, pelos avanços da legislação com o objetivo de assegurar intérpretes para os surdos e a expansão dos cursos de graduação de Letras Libras nas universidades públicas e privadas, o museu passa a ser um interessante espaço de prática e ampliação de repertório dessa língua (OLIVEIRA, 2015, p. 81).

Além da difusão da sua língua (Libras) e seu reconhecimento, as diversas leis forçaram, em relação à acessibilidade, o surgimento das ações culturais acessíveis para todas as pessoas com deficiência e, assim, estão garantindo os direitos.

3.4 Educador Surdo em formação

Quando o museu inicia o contrato do profissional surdo para trabalhar como educador, se faz necessária uma formação específica na ação educativa.

E nessa formação, temos acesso à leitura do texto e dos livros, sobre a história do museu e o seu acervo, para buscar informações acerca das obras expostas e história. Desse modo, aprende-se a mediação junto com os educadores ouvintes.

Esse formato nos permite compreender melhor sobre os espaços expositivos no museu (em geral), por exemplo, a relação da história do museu e a exposição.

A ação educativa e o educador têm função essencial na estrutura museal e colaboram para o funcionamento da instituição, tanto externa quanto internamente. De fora para dentro, o educador é aquele que, em relação ao público, está à frente do processo museológico¹¹ e tem como tarefa não somente apresentar este processo, mas, igualmente, estimular e contribuir na relação que se estabelece entre patrimônio cultural musealizado e sujeito¹² (LIMA; POLO, 2012, p. 26).

O educador surdo tem a mesma responsabilidade de outros educadores ouvintes, porém existe uma diferença: a língua. O papel do educador é receber o público surdo, ficar em frente ao público, fazer mediação em língua de sinais e fazer todas as atividades educativas. Sendo assim, ainda pode receber o público ouvinte,

¹¹ “O processo museológico é constituído pela pesquisa, preservação e comunicação do patrimônio cultural musealizado” (SANTOS, 2008, p. 6-8).

¹² “Os sujeitos do processo comunicacional não são somente aqueles responsáveis pelo processo de musealização do patrimônio, mas também cada um que, de algum modo, (re) significa o objeto musealizado: os pesquisadores, os conservadores, os documentalistas, os museólogos, os educadores, o público visitante entre outros” (CURY, 2004, p. 89).

pois o intérprete de Libras estará prontamente ao lado, junto com o educador. Todo um conhecimento foi construído, pois aprendeu a história da arte, do acervo, das obras e tem condições de partilhar esse conhecimento com os visitantes. Além disso, a ideia é o público conhecer a existência da língua de sinais e difundir, olhar fixamente para o profissional surdo e conhecer o surdo como protagonista no espaço não formal.

Segundo Chevallard (2009), a transposição didática é entendida como um processo no qual um conteúdo do saber, que foi designado como saber a ensinar, sofre, a partir daí um conjunto de transformações adaptativas que vão torná-lo apto para ocupar um lugar entre os objetos de ensino é denominado transposição didática (SANTANA; NOFFS, 2016, p. 69).

Durante a formação, o educador surdo procura a estratégia melhor para atender o público surdo, por exemplo, além de mediar em Libras, temos que saber transformar o espaço em visual, assim compreende melhor sobre a obra de arte. Pois sabemos que na cultura surda, temos a experiência visual, isso é o artefato da cultura surda.

Deste modo, complementam autores surdos Perlin e Miranda (2003, p. 218):

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento específico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Ainda sobre experiência visual, destaco um pedaço do texto da autora Oliveira que trabalha como coordenadora na Pinacoteca e ainda hoje tem educadora surda. Segundo Oliveira (2015, p. 131):

Na procura diária de espaços significativos para a “alfabetização artística”, ela elabora jogos e propostas poéticas voltadas à educação bilíngue, cujo objetivo maior é possibilitar a aquisição da L2 do surdo, isto é, a Língua Portuguesa.

Os jogos possibilitam uma aproximação linguística favorável à aprendizagem. Nas visitas educativas em Libras, no decorrer das atividades, os conteúdos implícitos são trabalhados através de diálogos, poesias, figuras e dramatização, estabelecendo um feedback entre o educador e o aluno, consciente do trabalho do professor como mediador na construção do saber.

Como expliquei anteriormente, o educador surdo tem a preocupação com sua metodologia, assim como a educadora surda procurou os jogos que possibilitam a linguística favorável à aprendizagem, ou seja, faz a mediação em Libras durante a visita e podem trabalhar com jogos através de recursos utilizados já citados acima.

Pois sabemos que na comunidade surda é tudo visual. Assim, cria-se a construção do conhecimento entre o educador surdo e o visitante surdo.

A percepção visual do mundo, organização do pensamento baseada na estrutura da Língua de Sinais, Literatura Surda, Artes Surdas, planejamento de espaços e materiais em torno da visualidade são algumas das manifestações culturais, que também se consolidam em alguns saberes constituídos (RUZZA, 2020, p. 23).

Os educadores surdos têm a liberdade total de fazer uma escolha linguística de forma apropriada para contextualizar na mediação da melhor maneira possível para que o público surdo esteja incluído nos conhecimentos do mundo da arte.

3.5 Museus-Casas Literários

A Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo foi criada pela Secretaria de Estado da Cultura a fim de ampliar a perspectiva de contribuição dos museus Casa das Rosas, Casa Guilherme de Almeida e Casa Mário de Andrade ao cenário cultural da cidade, do estado e do país. Geridas em conjunto, essas instituições desenvolvem programas de modo colaborativo, com relações conceituais e temáticas, preservando-se, no entanto, a especificidade de cada uma delas (MUSEUS LITERÁRIOS, s.d.).

O nexo do conjunto é evidente, tanto pela identidade museológica das casas como pela ligação histórica e artística dos escritores a elas associados, todos atuantes em movimentos de vanguarda: Guilherme de Almeida e Mário de Andrade foram mentores do modernismo na década de 1920, e Haroldo de Campos foi um dos criadores da Poesia Concreta na década de 1950 (MUSEUS LITERÁRIOS, s.d.).

A respeito dos museus-casas, Carvalho e Faggin (2012, p.80) afirmam que:

Em muitas cidades do mundo, as casas representativas locais e de personalidades que viveram nesses espaços são os mais atrativos e curiosos modos de conhecer os costumes, o cotidiano e a vida social do lugar. Os museus-casas têm, por definição, a característica fundamental de apresentarem a conexão entre o acervo, a casa e o habitante. Se não houver esses três elementos, que celebram esses espaços vividos e a relação do homem com objeto, um museu pode ser de história ou de arte, mas não integra o conjunto de programas interpretativos das coleções em seus ambientes domésticos e das figuras de seus proprietários, o que caracteriza museus-casas.

As três casas são vinculadas à Secretaria de Cultura do Estado e são administradas pela Poiesis (Organização Social de Cultura)¹³.

3.5.1 Casa Guilherme de Almeida

A casa Guilherme de Almeida iniciou-se a visita em 1943, onde morou o poeta, jornalista e advogado Guilherme de Almeida de 1946 a 1969 junto a sua esposa Belkiss Barrozo do Amaral, conhecida como Baby e seu único filho. Têm o acervo de quadros, móveis de época e originais da casa. Localizada no bairro de Perdizes próximo ao estádio Pacaembu, em São Paulo.

Após o falecimento do Guilherme de Almeida, a residência do poeta tornou-se o museu biográfico e literário Casa Guilherme de Almeida, inaugurado no ano de 1979. Atualmente também é um Centro de Estudos de Tradução Literária.

Inaugurado em março de 1979, o museu-casa – instalado na residência onde ele viveu de 1946 até o ano de sua morte – abriga o acervo composto de objetos que pertenceram ao poeta, tradutor, jornalista e advogado paulista Guilherme de Almeida (1890-1969), um dos mentores do movimento modernista brasileiro (CASA GUILHERME DE ALMEIDA, s.d.).

As visitas são agendadas e realizadas com grupo menor, ou seja, limitado. Possui atividades práticas que são relacionadas com a vida e a obra do poeta Guilherme de Almeida. Além disso, acontece, também, visita agendada de muitas escolas públicas e privadas.

Quanto às visitas espontâneas, trabalhamos mais com diálogo sobre as obras de artes expostas e o poeta.

Além disso, o museu-casa possui um videoguia em Libras que está disponível para comunidade surda utilizar de forma autônoma quando for fazer uma visita esporádica. Possui informações valiosas sobre a biografia do Guilherme de Almeida, também o marco histórico e as obras, móveis da casa.

Possuem outros recursos de acessibilidade, por exemplo, pranchas táteis para pessoas cegas ou de baixa visão e também uma prancha de planta baixa do museu.

¹³ Disponível em: <http://site.poiesis.org.br>. Acesso em: 24 ago. 2021.

Fora da casa, existe um elevador para que cadeirantes possam subir e visitar o segundo andar. Para ir a mansarda (último andar da casa), há uma tela que possibilita assistir e fazer uma visita através dessa tela.

3.5.2 Casa das Rosas

A Casa das Rosas é uma das casas antigas e fica localizada na Avenida Paulista. Esse é o espaço cultural que acolhe, atualmente, o acervo do poeta Haroldo de Campos.

Foi projetado pelo Escritório de Ramos de Azevedo e construído no ano de 1928 com objetivo de dar um imóvel para sua filha Lúcia Ramos de Azevedo, juntamente com seu esposo Ernesto Dias de Castro e, posteriormente, pelo filho do casal, Ernesto Dias de Castro Filho e a segunda esposa Anna Rosa. No mesmo ano, o arquiteto veio a falecer. A família morou na casa durante 51 anos.

Em 1985, a casa foi tombada pelo Patrimônio Histórico. Segundo Carvalho e Faggin (2012, p. 124):

o terreno de grandes dimensões tinha frente também para a Alameda Santos, e, em um esforço de entendimento, o imóvel foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico- Condephaat com a permissão de desmembramento do lote em duas partes. Uma delas contém ainda a construção original; a outra deu lugar a um edifício vertical de escritórios, que abre para Alameda Santos.

Uma observação importante sobre o local, tem aproximadamente de 5.500m², possui um prédio empresarial chamado Edifício Parque Cultural Paulista que foi inaugurado em 1989, localizado em frente à rua Alameda de Santos, o jardim ao lado da Casa das Rosas pertence ao prédio empresarial, ou seja, muitos visitantes confundem e pensam que é pertencente à residência, mas não.

“A instituição realiza atividades como saraus, recitais, peças de teatro, lançamento de livros e algumas exposições” (CARVALHO; FAGGIN, 2012, p. 124).

Assim como a comunidade surda frequenta bastante esta casa, inclusive teve bastante *Slam*, sarau de poesia e palestras que realizaram dentro e fora da Casa das Rosas.

Inclusive, em termos de acessibilidade, possui o videoguia gravado pela convidada surda em Libras que contém 23 faixas contando o marco histórico, do

poeta Haroldo de Campos, entre outros, além das orientações importantes para os visitantes.

3.5.3 Casa Mário de Andrade

A Casa Mário de Andrade fica localizada no bairro da Barra Funda, em São Paulo. Foi projetada pelo famoso arquiteto Oscar Americano.

Nesta casa, viveu o poeta Mário de Andrade e sua família, a mãe, D. Maria Luísa, que reservou para si, a irmã e para a filha, Maria de Lourdes. Ao lado desta casa, viveu o irmão Carlos, no espaço que estava destinado para o Mário quando casasse, mas isso nunca aconteceu.

Uma boa parte do acervo foi doado para o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e outra parte foi para Universidade de São Paulo (USP). Esta casa, ainda hoje, possui um piano que o Mário utilizava para dar aulas na época.

Após a morte súbita do escritor, em 1945, o grupo ensaiou criar a Fundação Casa de Mário de Andrade, entidade que preservaria unidos o edifício e a sua valiosa coleção. Para isso, urgia manter indissolúvel a coleção de arte, livros e móveis. Um movimento articulado dos inúmeros amigos e admiradores de Mário de Andrade fez chegar ao Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) a solicitação de tombamento o “conjunto de obras de arte, manuscritos e livros do espólio”. O tombamento federal saiu em 1946, para surpresa geral, em vista do prazo recorde em que foi formalizado. No entanto, o projeto da Casa de Mário de Andrade gorou. A bandeira foi usada pelos políticos como retórica, enquanto o cadáver do morto ilustre ainda esfriava. Em seguida, abandonada (CASA MARIO DE ANDRADE, s.d.).

A coleção tombada permaneceu na casa por mais de vinte anos, como num museu, zelosamente guardada pela família de Mário até 1968, quando se efetivou a aquisição do acervo pelo governo do estado/Universidade de São Paulo e a transferência, em agosto desse ano, de móveis, livros, gravuras, pinturas, esculturas, objetos de arte popular, partituras para o Instituto de Estudos Brasileiros (CASA MARIO DE ANDRADE, s.d.).

E por fim, as atividades da Ação Educativa são iguais as dos outros museus-casa, sendo que possuem algumas programações diferentes.

CAPÍTULO IV

4 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

4.1 Itinerário metodológico da pesquisa

Este capítulo trata do caminho metodológico e as informações foram desenvolvidas por meio da pesquisa de campo relacionada com os capítulos anteriores, a partir da pesquisa bibliográfica, análise de documentos, pesquisa de campo e entrevista com educadores surdos em museus, coletando dados por meio das instituições culturais da cidade de São Paulo.

Na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam. Pressupõe-se, pois, que elas têm um conhecimento prático, de senso comum e representações relativamente elaboradas que formam uma concepção de vida e orientam as suas ações individuais. Isto não significa que a vivência diária, a experiência cotidiana e os conhecimentos práticos reflitam um conhecimento crítico que relacione esses saberes particulares com a totalidade, as experiências individuais com o contexto geral da sociedade (CHIZZOTTI, 2008, p. 82).

Assim, visa pesquisar a área, como local, as atividades profissionais dos educadores, como eles trabalham nas instituições culturais, as suas práticas, as preparações de estudos, as suas estratégias, buscando informar a realidade e compreender o significado desses assuntos que são extremamente importantes para a qualidade de pesquisa. Além disso, o valor educador surdo deve ser reconhecido por toda comunidade surda e por toda sociedade que acessa os museus.

Neste capítulo, foi realizado, também, o levantamento bibliográfico por meio de documental de legislação, textos científicos e referências importantes encontradas nos livros, registrando informações sobre a Língua de Sinais, a comunidade surda e cultura surda, os surdos acessando lugares públicos como passeio cultural, a história dos museus.

O objetivo principal da pesquisa é analisar as estratégias de mediadores/educadores surdos nos museus na cidade de São Paulo (SP). Foi delimitada, como procedimento metodológico, a realização de entrevistas aplicadas a quatro (4) educadores surdos que atenderam ao critério determinado em afinidade ao objetivo desta pesquisa. O critério de escolha foi o seguinte:

➤ Educadores surdos que tenham experiência na área, somando, pelo menos, 6 meses de atendimento ao público surdo em museus.

Foram preparados documentos para liberação das entrevistas e foi enviado o projeto de pesquisa, submetido à apreciação via Plataforma Brasil, obtendo aprovação do Comitê de Ética da PUC-SP.

A partir da aprovação no comitê de ética em pesquisa, foi encaminhado por e-mail para os coordenadores dos museus de São Paulo para autorização da realização da pesquisa de campo, com entrevistas com os profissionais educadores surdos, com aplicação de um questionário preparado, sendo este o instrumento de coleta de dados pela plataforma Zoom, que possui o recurso de gravação automática.

A intenção inicial seria realizar estas pesquisas com os educadores presencialmente, com gravação marcada, mas a substituição virtual foi aceita devido ao atual momento de pandemia de Covid-19.

Elaborei o quadro de perguntas do questionário abaixo para contextualização da pesquisa:

Quadro 1 - Perguntas do questionário

PERGUNTA 1	Apresentar seu nome, sinal, idade e formação
PERGUNTA 2	Há quanto tempo você trabalha como educador(a)? E onde?
PERGUNTA 3	Você conhece a palavra “mediação”? O que significa?
PERGUNTA 4	Quais são as ações que você usa?
PERGUNTA 5	Você utiliza apoio didático no museu? Se sim, qual?
PERGUNTA 6	O tempo de preparo é diferente para público surdo e ouvinte?
PERGUNTA 7	Em tempos de pandemia da Covid-19, qual é a flexibilização no trabalho?
PERGUNTA 8	Você utiliza atividades remotas? Por quê? Como?
PERGUNTA 9	Quais suas motivações no exercício profissional em seu cotidiano?

Fonte: Construção da autora (2021).

Os questionários preparados são fechados e foram realizadas as entrevistas com educadores surdos via plataforma Zoom com dia e hora agendados.

Para tal, foi contratado o intérprete de Libras para realização da tradução de Libras para português. A critério da pesquisadora, optou-se por traduzir a fala dos educadores surdos na íntegra para que possamos aproveitar o máximo dos dados coletados, respeitando a sua individualidade e oportunidade vivenciada nesta pesquisa.

A análise partiu das respostas apresentadas, para entender como esses recursos podem (ou não) ajudar no estímulo aos surdos em seu desenvolvimento, tanto do pensamento, quanto na Língua de Sinais na área de cultura e arte.

As entrevistas completas se encontram no Apêndice B.

4.2 Coleta de dados: instrumentos utilizados

Esta pesquisa apresentou um estudo a partir dos documentos ligados à legislação, por exemplo, o PNE, estatutos e leituras de âmbito acadêmico que fundamentam esse assunto, como os autores Noffs, Hall, Mourão, Karnopp, Perlin, Strobel, entre outros, bem como realizou entrevistas estruturadas e, posteriormente, foi feita a tradução para escrita em português.

Selecionadas as perguntas para as entrevistas, foram reveladas as formações destes Educadores Surdos, as participações na Comunidade Surda, os conhecimentos na esfera cultural e quais são suas estratégias na prática. Por outro lado, também houve uma investigação sobre a mediação dos profissionais.

4.3 Sujeitos da pesquisa

Para identificar os Sujeitos entrevistados, detalhando informações que possam auxiliar a compreensão de onde esses educadores surdos falam, assim foi elaborado o quadro a seguir, com dados pessoais e profissionais.

Quadro 2 - Perfil dos profissionais educadores surdos participantes

	Edvaldo Santos	Harrison Adams	Leonardo Castilho	Sabrina Ribeiro
Gênero	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino
Idade	35 anos	29 anos	33 anos	42 anos
Formação	Pedagogia e atualmente graduando Tradução e Comunicação Acessível	29 anos	Não possui formação acadêmica	Artes Visuais, pós-graduada em Artes e Educação, e atualmente mestranda em Design.
Proximidade com a Comunidade Surda	Sim	Sim	Sim	Sim
Anos de experiência como educador profissional nos museus	6 anos	2 anos	13 anos (iniciou como aluno-estagiário-efetivo e hoje contratado)	13 anos
Atuação	Ativo	Ativo	Ativo	Ativa
Local de atuação	Itaú Cultural	Museu da Inclusão	Museu de Arte Moderna	Pinacoteca
Conhecimento sobre mediação¹⁴	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Construção da autora (2021).

A análise foi organizada por etapas, assim compõem as falas e os discursos coletados nas entrevistas, visto que temos como identificar as representações dos educadores surdos e alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, foram destacadas algumas categorias de análise:

- A) Estratégias desenvolvidas que utilizam nas atividades pelos educadores surdos para diferentes públicos;
- B) Conhecimento de mediação;
- C) Estratégias desenvolvidas que utilizam nas atividades em tempos de pandemia da Covid-19;
- D) Recursos e ações utilizados dentro da estratégia que relacionam com suas estratégias pelos educadores surdos;

¹⁴ Conhecimento sobre mediação” significa perceber o grau de conhecimento comum do (a) educador (a) Surdo (a) por sua participação ativa na Comunidade Surda, pois este tipo de conhecimento ajuda a compreender através da língua de sinais durante a mediação e está inserido na Cultura Surda.

E) Motivações das estratégias e a sua relação com público.

Durante a análise com as respostas identificadas, buscou-se investigar fazendo uma leitura crítica das respostas relacionando as categorias e as suas estratégias utilizadas pelos Educadores Surdos nos museus.

4.4 Análise das questões das entrevistas

4.4.1 Estratégias desenvolvidas pelos educadores surdos para diferentes públicos

Ao analisar esta etapa, pude identificar a respeito das estratégias utilizadas pelos educadores surdos durante a atividade, percebe-se que as estratégias todas deles são diferentes, mas estão bem próximo da comunidade surda e sabem como desenvolver para o público diferente. Por exemplo, a estratégia do Edvaldo é promover uma discussão através da reflexão e provocações de acordo com as obras de artes, pois ele quer saber se o público independente se é surdo ou ouvinte, está compreendendo ou não, além disso, temos pessoas que possuem mais de uma deficiência e que acessam ao museu, percebe e sabe tem que fazer outra estratégia, é mais difícil, porque tem que dedicar mais tempo e mais preparo, mais responsabilidade redobrada.

A estratégia do Harrison é perceber a diversidade do público, por exemplo, tem público jovem que é mais descolado e o bate papo construído através da reflexão, pois sabe identificar que os jovens têm mais “energia” para conversar, se tem o público idoso, ele procura explicar com mais detalhes. Dos dois diferentes públicos, procura mais dominar os conteúdos igualmente sem aprofundar muito. A estratégia do Leonardo é fazer o resumo com antecedência e ensaiar para pré-visita e finalmente, a estratégia da Sabrina é, dependendo da idade do público, ela procura criar os jogos para facilitar a compreensão, pois sabe que os surdos têm dificuldade da compreensão da Língua Portuguesa, então os jogos ajudam a raciocinar com as palavras, isto é para público jovem e idoso, quanto as crianças, procura trabalhar os jogos com desenho pois é tudo visual. Já com adultos, percebe que não é necessário da utilização dos jogos e a depender do seu conhecimento, utiliza mais conversação, ou seja, o debate e/ou a discussão.

Todos os educadores surdos têm sua metodologia diferente, assim como os professores da escola, universidade e dos cursos livres também tem a metodologia

própria e diferente. Percebo que todos se preocupam com a metodologia e procuram o caminho para traçar estratégia melhor devido a experiência visual.

Ao me remeter minha primeira experiência que tive como educadora no Centro Cultural, recordo-me de uma passagem que teve uma preparação diferente destes entrevistados:

Eu fui convidada para fazer uma mediação da exposição especial sobre “MarioOswald-100 anos de Uma Amizade”, mas não havia um grupo de estudo que eu possa me preparar, então eu ficava desesperada, era um desafio pra mim. Conversei com meus amigos que também exercem essa função, eles me falaram que sempre recebiam o material para formação de estudo. Eu não sabia o que era formação, na verdade, conheço essa palavra, mas não sabia como era atividade desenvolvida no museu. Porém, eu recebi o material, busquei pesquisar a fundo sobre a exposição, não conhecia os poetas famosos mesmo que tenha os vistos na internet, mas não sabia do que se trata. Pensei: como vou desenvolver minhas estratégias, principalmente para os surdos? Eu estudei muito antes da exposição ser inaugurada, solicitei intérprete de Libras e chamei uma pessoa que é curadora/educadora, propus fazer o ensaio em conjunto para poder ver se eu estava entendendo mesmo. Preparei o ensaio para pré-visita. Recebi juntamente com intérprete (caso apareça um visitante ouvinte), um grupo de surdos que foram acessar a exposição inaugurada. Essa foi a minha estratégia, mas o tempo de preparo para ouvintes e surdos não há diferença (Relato de Experiência - SILVA, 2021).

Na minha trajetória profissional, desempenhei a função como educadora nos Museus-Casas Literários, foi a partir daí que aprendi como funciona o estudo de formação, estudei junto com a coordenadora do trabalho, conversamos muito sobre a história de cada Museu-Casa, tirei muitas dúvidas, recebi o material, inclusive, livros sobre a história e dos poetas. Isso leva tempo para estudar e preparar com antecedência para receber os visitantes. Também preparo estratégia, mas não somente uma e sim vários tipos de estratégias, por exemplo, as imagens impressas para mostrar durante a visita e/ou faço uma pergunta para provocar a reflexão do que se trata acerca das obras expostas.

O relato da pesquisadora reafirma a mesma preocupação dos outros educadores surdos, embora com estratégias diferentes. Procuram tornar metodologia de forma visual, ou seja, falando a mesma língua: Libras e apontar as imagens expostas ou impressas ou jogos preparados pelos profissionais surdos.

4.4.2 Conhecimento de mediação

Nesta etapa, trago o conhecimento do significado da palavra “mediação” dos educadores surdos.

Todos possuem conhecimento por trabalhar nos espaços não formais, ou seja, a mediação deles não se diferencia.

Mediação significa mediar entre a obra de arte, educador surdo e o público.

4.4.3 Tempo de preparo

O tempo de preparo de todos entrevistados é o mesmo, tanto para público surdo quanto para público ouvinte.

4.4.4 Estratégias desenvolvidas em tempos de pandemia da Covid-19

Esta etapa visa identificar flexibilizações e atividades remotas em tempos de pandemia.

Pude observar atividades remotas utilizadas durante a pandemia. Notei que todas as atividades destes entrevistados são diferentes e também têm estratégias diferentes. Por exemplo, Edvaldo realiza visitas virtuais utilizando uma estratégia: atividade! Para qualquer tipo de pessoa, de idade livre, é uma forma de estimular a criação de acordo com a imagem artística. Isso é, uma imagem visual. A proposta é feita mesmo que tenham alunos menores de idade, pois contam com ajuda dos pais e/ou professores para colagem.

Harrison desenvolve atividade remota como videochamada e *lives*. Os relatos evidenciaram que há uma rede de educadores surdos no Brasil para trocar ideias e conhecimentos e sabe-se que temos, infelizmente, poucos educadores surdos no Brasil.

Leonardo faz atividades remotas e *lives* para todos os tipos de públicos, inclusive, continuou dando cursos de formação, criado pelo programa *Igual Diferente*. Os cursos são: performance e Corposinalizante. Percebeu que a tecnologia é mais complicada, pois ele tem alunos com deficiência intelectual, com dificuldade de ajustar a câmera, o que atrapalha a visualidade do professor/educador surdo. Então, ele criou outra estratégia, que é a seguinte: caso esses alunos queiram falar com eles, basta avistar na câmera. Ou seja, percebe-se que o educador surdo tem experiência visual.

O trabalho da Sabrina é diferente dos outros, pois ela realiza um pouco presencialmente porque precisa fazer uma gravação e o museu tem todos os

equipamentos adequados de gravação com qualidade. Ela estuda e faz ensaio em casa e, em seguida, prepara gravação presencialmente. Outra estratégia é enviar atividade para os professores mandarem os alunos realizar em casa, ou seja, é uma atividade cultural que continua a ajudar os alunos. E por último, o curso criado pelo Programa Educativo para Públicos Especiais (Pepe) ainda continua e de forma remota para todo o Brasil, fico feliz que tenha aumentado o número de surdos neste curso, pois a participação deles demanda intérprete de Libras e, assim, se tornam cada vez mais inclusos. Acessibilidade não é uma escolha, é um direito!

Na instituição em que eu trabalhava, realizei todas as visitas presencialmente, seguindo com todos os protocolos de segurança. Em algumas programações dos Museus-Casas Literários, a coordenadora, e alguns outros educadores, realizavam visitas virtualmente, ou seja, é um vídeo gravado que permanece no site, agendavam o dia e a hora da visita. Essa visita acontecia numa plataforma online (Zoom) e começaram a guiar a visita virtual através do vídeo que está localizado no site. A duração da visita guiada é de 45 minutos e é a mesma duração da visita presencial.

Nos Museus-Casas Literários é uma atividade híbrida, ou seja, no presencial, fazia visita em Libras. Se a educadora surda estiver ausente, possuímos videoguia para que o sujeito surdo possa visitar de forma autônoma.

4.4.5 Recursos e ações utilizados pelos educadores surdos

O objetivo desta etapa é perceber quais recursos estão sendo trabalhados atualmente.

Durante a entrevista, pude perceber que eles utilizam os recursos didáticos por ser uma língua na modalidade visual, ou seja, como estão bem próximos da comunidade surda e têm convivência diária, independentemente da formação de cada um, pois eles são seres Surdos e sabem como lidar, assim facilita para os educadores surdos utilizar os recursos de forma visual como: videoguia, jogos com palavras, experiência poética, palavras que relacionam com as obras. Exceto o Harrison, que não utiliza o recurso, mas ele acredita que, por ser a mesma língua materna dos surdos, compreendem melhor através de conhecimento organizado de todos os conteúdos propostos e dado por profissional surdo durante a visita.

Nos Museus-Casas Literários, a atividade acontecia presencialmente, que eu passava informações através do conhecimento e conteúdo elaborado, o meu caso é parecido com o de Harrison. Pois esse trabalho era algo “novo” para mim, mas também possuímos o material como imagens impressas, entre outros, que utilizei durante as atividades presenciais.

4.4.6 Motivações das estratégias e a sua relação com o público-alvo

Nesta última etapa, pude perceber que todas as motivações são todas estratégicas para os visitantes surdos porque eles são representantes, são referências para toda comunidade, passando e compartilhando seus conhecimentos através de conteúdos elaborados por eles e suas curiosidades a respeito das obras. Da mesma forma, eu me motivo a estudar cada vez mais sobre as artes expostas, obras, vida dos poetas, autores e escritores nos Museus-Casas Literários, pois são bem empolgantes e, assim, também represento a comunidade surda, compartilhando meus conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa evidenciou a necessidade do mediador surdo como referência nos espaços não formais como uma reflexão fundamental, pois quanto mais o educador surdo estiver presente nos museus, maior a probabilidade dos mesmos frequentarem estes locais pela identidade do adulto referência que compartilham do sentimento de pertencimento de língua de sinais na Comunidade Surda Brasileira.

Os surdos sempre foram e serão protagonistas nos espaços de artes como referências para comunidade surda, sendo que foi colocado como objetivo principal desta dissertação a análise de estratégias de mediadores/educadores surdos nos museus de São Paulo (SP). Atualmente, o trabalho de educador surdo ainda é muito escasso, contando somente com 4 profissionais surdos com contratações efetivas.

Todos esses objetivos foram atendidos e algumas pontuações foram relevantes:

- Todas as estratégias selecionadas respeitaram suas experiências como surdo, sua aprendizagem e sua autonomia na seleção.
- Todas as estratégias propostas são diferentes, mas próximas da comunidade surda e souberam desenvolver para o público, inclusive para ouvinte e surdo.
- Todas as atividades remotas são diferentes.
- Recursos de modalidade visual específico para público surdo.
- Todas as motivações são estratégicas devido à representatividade surda contribuído para sua formação cultural.
- O tempo de preparo para o atendimento que o adulto referência utiliza é o mesmo, tanto para atender surdos quanto ouvintes, reafirmando a necessidade de formação específica no atendimento de acessibilidade.
- A segurança no atendimento é possibilitada pela instituição.
- Necessidade de a instituição repensar a infraestrutura para possibilitar o trabalho de qualidade para o educador referência

Este trabalho ressalta e se compromete com a importância do protagonismo do educador surdo, enquanto sujeito referência, em espaços não formais para a Comunidade Surda.

REFERÊNCIAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.

ALMEIDA, Severina Mariano da S; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de L. O papel do intérprete de Libras no processo de ensino-aprendizagem do (a) aluno (a) surdo (a). **Revista Educação Pública**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2017. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/14/o-papel-do-intprete-de-libras-no-processo-de-ensino-aprendizagem-do-a-aluno-a-surdo-a>. Acesso em: 10 set. 2021.

ALMIR, Cristiano. **Federação Mundial de Surdos**. Libras, 2018. Disponível em: <https://www.libras.com.br/federacao-mundial-de-surdos>. Acesso em: 02 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto n.º 5626**, 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 18 out. 2018.

BRASIL. **Lei n.º 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l10098.htm. Acesso em: 24 out. 2018.

BRASIL. **Lei n.º 10.436**, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 18 out. 2019.

BRASIL. **Lei n.º 11.904**, de 14 de janeiro de 2009. Instituiu o Estatuto de Museus. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 18 out. 2018.

BRASIL. **Lei n.º 12.319**, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12319.ht. Acesso em: 08 ago. 2021.

BRASIL. **Lei n.º 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em 30 maio 2020.

BRASIL. **Lei n.º 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 10 ago. 2021.

CARVALHO, Ana Cristina; FAGGIN, Carlos. **São Paulo: olhar os museus, olhar a cidade**. São Paulo: Dialetto Latin American Documentary, 2012.

CARVALHO, Cristina.; LIMA, Isabel Van Der Ley. Formação inicial de professores no diálogo com espaços não formais de educação: os museus como espaço para a formação. In: **Educação não formal e museus: aspectos históricos, tendências e perspectivas** / Alexandre Shigunov Neto; Ivan Fortunato; José Manuel Touriñán López (org.). – São Paulo: Edições Hipótese, 2017. 110p.

CASA GUILHERME DE ALMEIDA. **Histórico do Museu**. Disponível em: <http://www.casaquilhermedealmeida.org.br/museu/index.php>. Acesso em: 24 ago. 2021.

CASA MARIO DE ANDRADE. **Morada do Coração Perdido**. Disponível em: <http://casamariodeandrade.org.br/morada-coracao-perdido/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 2008.

ELALI, Gleice A.; ARAÚJO, Rosineide G.; PINHEIRO, José Q. Acessibilidade psicológica: eliminar barreiras “físicas” não é suficiente. In: ORNSTEIN, Sheila Walbe; ALMEIDA PRADO, Adriana de; LOPES, Maria Elisabete (Orgs.). **Desenho universal: caminhos da acessibilidade no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2010. p. 369-396.

FOMIN, Carolina Fernandes R. **O tradutor intérprete de Libras no teatro: a construção de sentidos a partir de enunciados cênicos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

FOMIN, Carolina Fernandes R; CASTILHO, Leonardo Barbosa. O Educador surdo e Tradutor Intérprete de Libras na mediação cultural: um estudo de caso no Museu de Arte Moderna de São Paulo. In: RIGO, Natália S. (Org.). **Textos e Contextos Artísticos e Literários: Tradução e Interpretação em Libras** - vol. I. Teresópolis: Arara Azul, 2019. p. 1-318.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOHN, Mária da Glória. Educação não formal nas instituições Sociais. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615>. Acesso em: 23 nov. 2021.

HALL, Stuart. The Work of Representation. In: HALL, Stuart (Org.). **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. New Delhi: Sage Publications, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Curso de licenciatura em Letras Libras. Florianópolis: UFSC, 2008.

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia L. (Orgs.). **Cultura surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ulbra, 2011.

KARNOPP, Lodenir; MACHADO, Rodrigo N. Literatura Surda: ver histórias em línguas de sinais. **Anais do 2º. SEMINÁRIO BRASILEIRO DE ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO - 2SBECE**. Canoas: Ulbra, 2006. CD- ROM.

LACERDA, Cristina B. F. Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 36, p. 133-153, maio/agosto 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1604/1487>. Acesso em: 23 nov. 2021.

LIMA, Leilane P. de; POLO, Mario Junior A. Reflexões sobre o papel do educador de museus. **Boletim Museu Histórico de Londrina**, Londrina, v. 3, n. 6, p. 23-31, jan/jun 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/36995583/Reflex%C3%B5es_sobre_o_papel_do_educador_de_museus?auto=download. Acesso em: 23 nov. 2021.

LUCENA, Cibele Toledo. **Beijos de Línguas** - quando o poeta surdo e o poeta ouvinte se encontram. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

MAZZOTTA, Marcos José da S.; D'ANTINO, Maria Eloísa F. Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais: cultura, educação e lazer. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 2, p.377-389, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902011000200010>. Acesso em: 20 nov. 2021.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em Língua de Sinais. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MUSEUS LITERÁRIOS. **Rede de Museus-Casas Literários de São Paulo**. Disponível em: <http://www.museusliterarios.org.br/>. Acesso em: 24 ago. 2021.

NAKASATO, Ricardo Quiotaca. **Desenvolvimento da Cultura Surda no Currículo de Escolas Bilíngues para Surdos**: a fala de professores Surdos. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Margarete de. **Cultura e inclusão na educação em museus**: processos de formação em mediação para educadores surdos. 2015. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PERLIN, Gladis T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A Surdez**: Um olhar sobre as diferenças. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015. p. 51-73.

PERLIN, Gladis Teresinha T.; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282>. Acesso em: 18 out. 2018.

QUADROS, R. M. de. **O bi do bilingüismo na educação de surdos** In: Surdez e bilingüismo. 1 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

QUEIROZ, Alicyary Moreira. **Literatura Surda nas práticas de Professores Surdos em Escola Bilíngue**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

RUZZA, Mara Lopes Figueira de. **Protagonismo Surdo**: Currículo como construção da Autoria. 2020. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SANTANA, Terezinha; NOFFS, Neide de Aquino. **Formação continuada de professores**: Práticas de ensino e transposição didática. Curitiba: Appris, 2016.

SANTOS, Edvaldo. C. Educadores surdos nos espaços de educação e cultura. In: INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Mediações acessíveis: ciclo de encontros sobre acessibilidade em espaços de educação e cultura**. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2018. p. 6- 160.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual**: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

STROBEL, Karin. **As imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2008.

TOJAL, Amanda Pinto da F. **Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus**. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Apêndice B - Questionário traduzido para o Português

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: A mediação dos educadores surdos nos museus de São Paulo: para além da tradução de línguas

Nome do Orientador: Dra. Neide de Aquino Noffs

E-mail: nnoffs@terra.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Endereço: Rua Ministro de Godói 969, sala 63-C (Térreo) – Perdizes, São Paulo/SP.

Telefone (11) 3670-8466

Pesquisador responsável:

Lara Gomes Silva

Endereço: Rua Eça de Queiroz, 305, ap. 03, São Paulo/SP

Telefone: (11) 989486984- lara_gomessilva@hotmail.com

Caro (a) Senhor (a),

Você está sendo convidado (a) para participar como voluntário desta pesquisa de mestrado. Caso sinta-se plenamente esclarecido (a) pelas informações a seguir e aceite fazer parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine as duas vias deste documento (uma sua e a outra do pesquisador). Se tiver alguma dúvida, não deixe de procurar pelo pesquisador responsável e/ou pela orientadora nos contatos disponibilizados acima.

Natureza da pesquisa: Essa pesquisa qualitativa do tipo investigativa coletando dados por meio das instituições culturais da cidade de São Paulo, justifica-se pelo significativo crescimento do acesso comunicacional em espaços culturais. Devido a Lei de Acessibilidade 10.098/00, regulamentada pelo Decreto 5.296/04 e ao Decreto 5.626/05, que regulamenta a Lei de Libras 10.436/02, a presença de profissionais de educadores surdos para fazer a mediação entre os visitantes surdos do museu e o educador surdo em Língua de Sinais é obrigatória em todos os espaços culturais públicos e privados. Com a mudança da situação global causada

pela pandemia do Covid-19 e a necessidade de isolamento social, diversas atividades que antes eram presenças foram ressignificadas e passaram a acontecer no modo on-line. Assim, diversas atividades que contam com a atuação desses profissionais objetivando atender à demanda de acessibilidade em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para visitantes surdos e acredito que fizeram também adaptações nas formas de mediar remotamente, impactando as formas de produção interna nos museus de São Paulo.

Com esse estudo esperamos colaborar com as pesquisas nas esferas educacional e artístico-cultural e possibilitar a participação ativa da comunidade surda brasileira na esfera artístico-cultural. Por isso, o (a) convido para participar voluntariamente desta pesquisa.

Participantes da pesquisa: Os participantes da pesquisa serão: profissionais de educadores surdos nos museus de São Paulo.

Envolvimento na pesquisa: Com base nas respostas dos participantes da pesquisa, pretende-se realizar um estudo qualitativo do tipo investigativo coletando dados por meio das instituições culturais da cidade de São Paulo de forma remota (online).

O procedimento adotará como material para a coleta: entrevistas feitas de 4 educadores surdos profissionais em 4 instituições culturais diferentes em São Paulo, a seguir tem a etapas que se pretende investigar: a) Quais as estratégias que educadores surdos utilizam na mediação educativa das instituições (que serão pesquisadas); b) Por meio de depoimentos que será conduzida em libras, serão 4 educadores surdos em instituições diferentes; c) Serão entrevistados dos educadores surdos sobre o processo de preparo para a mediação, os estudos antes das visitas, preparo de estratégias e uso de recursos didáticos durante a mediação. Além disso, serão registradas por meio de plataforma online e em seguida, farei a tradução de libras para português.

Confidencialidade: Os registros individuais dos seus dados permanecerão confidenciais e serão mantidos em sigilo, somente a pesquisadora e orientadora terão conhecimento dos dados. As informações a respeito dessa pesquisa poderão ser publicadas em revista científica e apresentadas em congressos acadêmicos. Ao assinar este termo, você autoriza o uso de sua imagem no produto final desta pesquisa, a dissertação de mestrado, em eventos acadêmicos e em revistas científicas. Seu nome só será revelado se você autorizar.

Benefícios: Contribuição para o campo de estudos da língua de sinais e da mediação educativa em instituições culturais.

Pagamento: a participação na pesquisa será feita de forma voluntária, ou seja, o (a) Sr.(a) não terá nenhum tipo de despesa para participar dessa pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. A pesquisa não tem fins lucrativos, visando apenas contribuir para o campo acadêmico científico.

Informo que o senhor(a) tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa ou os procedimentos adotados entre em contato direto com o pesquisador por meio do telefone indicado no início desse termo. Também é garantida a liberdade da retirada deste consentimento em qualquer etapa desta pesquisa possibilitando o abandono de sua participação do estudo, sem qualquer prejuízo à sua imagem ou integridade. Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com os outros dados obtidos, sendo que não serão divulgados ou utilizados fora do escopo ou dos objetivos desta pesquisa. Em qualquer estágio da pesquisa, você poderá pedir seu desligamento do projeto, tendo a garantia de que seus dados não serão utilizados.

Se permanecer qualquer dúvida sobre este estudo ou de seus direitos, entre em contato com o pesquisador responsável. Você será avisado se alguma nova informação relevante for descoberta durante este estudo.

Para aderir ao estudo, você deverá assinar a seguir este termo de consentimento livre e esclarecido. Antes de assinar verifique se:

- Você leu e entendeu todas as informações contidas nesse termo e teve tempo para pensar sobre o assunto.
- Você concordou voluntariamente em fazer parte desta pesquisa, e assim sendo, realizará os procedimentos para sua realização.
- Você compreendeu que poderá decidir interromper sua participação no estudo a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.
- Você recebeu uma cópia do termo de Consentimento esclarecido que permanecerá com você.

Eu,.....
 , portador do CPF..... e do RG:.....
 concordo em participar do estudo **A mediação dos educadores surdos nos museus de São Paulo: para além da tradução de línguas** e reconfigurações do gênero em tempos de pandemia, e declaro ter sido convenientemente esclarecido e informado que os procedimentos a serem adotados respeitam as respectivas declarações e resoluções sobre o assunto.

São Paulo,

.....
 Assinatura do Participante

Nome: _____

Telefone para contato: _____

.....
 Assinatura do Pesquisador
 Lara Gomes Silva

(11) 989486984

Apêndice B - Questionário traduzido para o Português

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo

ENTREVISTA COM EDINHO SANTOS

1) Apresentar seu nome, sinal, idade e formação

Edinho – Meu nome é Edinho e esse é o meu sinal (SINAL), tenho 35 anos, sou formado em pedagogia e atualmente estou cursando uma pós-graduação em comunicação acessível.

2) Há quanto tempo você trabalha como educador(a)? E onde?

Edinho – Bom, profissionalmente, eu trabalho como educador... fazem 1 ou 2 anos, mas meu contato com a arte já vem de bastante tempo, acho que já são quase 25 anos que estou em contato com a arte. Atualmente eu trabalho no Itaú Cultural. Já são 6 anos.

3) Você conhece a palavra “mediação”? O que significa?

Edinho – Conheço essa palavra sim. Mediação tem a ver com a responsabilidade do educador de partilhar determinado conteúdo com o público. O conteúdo com o qual o educador realiza a mediação tem a ver com a instituição, onde o educador organiza todas essas informações e conteúdos, criando seu próprio conteúdo, que dialoga diretamente com as informações da instituição, e dessa forma estabelece uma mediação das informações para que o público acesse, assim fazendo uma ponte entre instituição e público. É isso que significa mediação.

4) Quais são as ações que você usa?

Edinho – A primeira ação que faço é a formação, que nada mais é do que eu fazer minha pesquisa, estudo e busca de informações, para que eu tenha o conhecimento necessário sobre os assuntos tratados nas exposições que vou mediar. Feito esse momento de formação, a segunda ação que eu faço é partir para o meu papel, propriamente, que é o de compartilhar as informações com o público. Outra ação que uso são as dinâmicas, onde promovo reflexões com o público, faço perguntas e provocações para que o público me responda e apresenta suas impressões, pois quando eles apresentam suas impressões eu consigo perceber se estão compreendendo ou não.

5) Você utiliza apoio didático no museu? Se sim, qual?

Edinho – Sim, eu utilizo, principalmente nas oficinas, porque são vários materiais que utilizamos quando vamos fazer atividades de pintura. Também utilizo videoguia como apoio didático, nas exposições têm alguns videoguias.

Lara – Desculpa, você utiliza o que como apoio?

Edinho – Videoguia (FAZ DATILOLOGIA).

Lara – Entendi.

Edinho – Durante as dinâmicas eu também utilizo apoio didático, utilizando alguns materiais como imagens para apresentar a exposição. Vai depender da necessidade para eu utilizar apoio didático, mas na maioria das vezes eu utilizo sim.

6) O tempo de preparo é diferente para público surdo e ouvinte?

Edinho – para mim o tempo de preparo é o mesmo, não faço distinção. Já estou acostumado a fazer desse jeito. Têm muitos anos que trabalho assim. Agora quando recebo público que têm mais de uma deficiência o preparo acaba sendo mais difícil, por exemplo, quando recebo um grupo de surdos e alguns são cegos, autistas etc., nesse caso eu preciso estar muito mais preparado, daí o preparo é sim diferente. Por exemplo, caso venha um grupo de surdos eu posso conduzir a visita em Libras e está tudo bem, se vem um grupo de ouvinte eu conduzo tranquilamente também, mas se recebo um grupo que têm surdos com alguma deficiência eu tenho a responsabilidade redobrada, preciso elaborar algumas estratégias, por exemplo, no caso da Libras Tátil ao receber público de surdos que são autistas, que têm deficiência intelectual, todos no mesmo grupo, como devo lidar? Eu busco equilibrar

a experiência por meio da comunicação. Eu não posso me comunicar unicamente com os surdos videntes que se comunicam em Libras, preciso comunicar para todos ao mesmo tempo, e esse é um desafio pra mim, mas é raro acontecer uma situação assim.

7) Em tempos de pandemia da Covid-19, qual é a flexibilização no trabalho?

Edinho – Flexibilização...

Lara – Compreendeu a pergunta?

Edinho – Sim. Flexibilização seria trabalhar de forma virtual, trabalhar...

Lara – Trabalhar de forma virtual é flexibilização.

Edinho – Em especial quando temos escolas de surdos, eu pergunto sobre as atividades...

Lara – As escolas vão presencialmente?

Edinho – Não, somente estamos trabalhando virtualmente com elas, devido a pandemia estamos atendendo de forma virtual. Pode acontecer que, no dia do surdo, a gente possa fazer algo presencial, mas por enquanto não temos nada definido.

8) Você utiliza atividades remotas? Por quê? Como?

Edinho – Porque é muito importante pensarmos que o público em geral olha para um educador surdo como referência, em seu papel enquanto educador e com relação ao seu trabalho também, que aliás é um trabalho que demanda bastante. Eu utilizo atividades remotas, realizando visitas... por exemplo, hoje eu fiz uma atividade apresentando uma exposição para alguns alunos onde eles trabalharam com recortes de imagens, vou te mostrar (MOSTRA PAPEL COM COLAGEM). Eles recortaram e colaram, utilizando materiais descartáveis que tinham em casa, como embalagens e itens que tinham guardado em casa, esses tipos de materiais são ótimos para fazer colagem. Trabalhando com uma atividade de colagem os alunos podem criar imagens como uma flor, uma casa, um desenho, é livre, mas tudo se referenciando à obra artística que estamos tratando. É o trabalho de mediação. Com esses alunos eu fiz a mediação em Libras por ser uma escola de alunos surdos, e eles conseguiram participar bem dessa atividade, não houve problemas com relação à variação de idade ou algo do tipo. Participaram alunos de 12, 11 e até 7 anos de

idade, e foi uma partilha muito prazerosa, tudo numa atividade remota, o que eu achei muito interessante.

Edinho – Só tinha uma diferença que os alunos maiores, de 11 e 12 anos de idade, fizeram a atividade de forma mais autônoma, enquanto os alunos de 6 e 7 anos de idade tiveram o apoio dos pais e professores.

9) Quais suas motivações no exercício profissional em seu cotidiano?

Edinho – A minha motivação principal é servir de referência para outros surdos, pela questão da representatividade.

Lara – Desculpa, qual foi o sinal que você usou? (SINAL)

Edinho – representatividade (VARIAÇÃO DE SINAL). Os surdos me têm como uma referência devido ao trabalho que eu realizo no Itaú Cultural, e também porque o Itaú Cultural é um espaço de referência no que tange a questão da acessibilidade. Os surdos reconhecem o Itaú Cultural como uma instituição que dá espaço para eles ocuparem, ou seja, um espaço para conseguirmos ocupar e sermos reconhecidos também, agora com relação as minhas motivações no cotidiano eu posso dizer do próprio trabalho como educador, na mediação, os festivais de cultura surda que o Itaú Cultural promove, as pessoas terem curiosidade em aprender Libras na equipe, as visitas, criação de vídeo-guias, os debates sobre a instituição e como fazer orientação em acessibilidade etc. No entanto, o principal pra mim é a representatividade surda.

ENTREVISTA COM HARRISON ADAMS

1) Apresentar seu nome, sinal, idade e formação

Harry – Certo. Oi, meu sinal é esse (SINAL), meu nome é Harrison, mas as pessoas me chamam de Harry. Eu tenho 29 anos e sou licenciado em Letras – Libras, e também...

Lara – Desculpa, pode continuar.

Harry – ...E também sou educador no Museu da Inclusão.

2) Há quanto tempo você trabalha como educador(a)? E onde?

Harry – Comecei em dezembro de 2019, então fazem 2 anos agora, em dezembro de 2021.

Lara – E o local?

Harry - O local é o Museu da Inclusão, que fica na Barra Funda, dentro do espaço do Memorial da América Latina. Antigamente ele se chamava Memorial da Inclusão, mas agora leva o nome de Museu da Inclusão. E na verdade são mais os ouvintes que sabem sobre o Museu, e a maioria das pessoas não conhece, são poucas as pessoas que conhecem de fato o Museu. Pessoas surdas que vão ao Museu da Inclusão sabem que lá é um espaço que possui pesquisas sobre deficiência visual, sobre deficiência física, autismo etc., mas apenas isso, pois o Museu não fazia uma divulgação direcionada para o público surdo, isso mudou quando eu entrei na equipe.

3) Você conhece a palavra “mediação”? O que ela significa?

Harry – Mediação (SINAL) ou mediação (VARIAÇÃO DE SINAL) é um conceito que diz respeito a explicar o significado de determinadas coisas, passando informação, comunicando e também explicando... por exemplo, também pode ser que determinada obra tenha uma porção de informações e narrativas que é podem ser interligadas, caso seja uma única informação, eu explico e troco informações com o público, é uma questão de comunicação. É possível, com um público de adolescentes, fazer provocações por meio de perguntas, perguntando se eles sabem algo sobre aquela obra ou conteúdo, e dessa forma eu os convido para o diálogo, assim eles vão me trazendo suas impressões, mas é uma comunicação direta, não precisa ser apenas a explicação, é comunicação e também o compartilhamento, dessa maneira todos vão colocando suas impressões.

Agora, caso o público não saiba nada sobre aquele conteúdo, daí cabe a mediação, onde eu trago uma explicação detalhada, compartilhando com eles e apresentando aquela obra ou conteúdo, de forma que vou “puxando” eles para o assunto.

4) Quais são as ações que você usa?

Lara – Essa pergunta ficou clara pra você?

Harry – É sobre o que eu faço, minha prática, não é isso?

Lara – Exatamente isso.

Harry – Bom, primeiramente o que eu faço é organizar os conteúdos e as ideias para que eu possa falar com o público, porque eu não posso falar com o público de forma tão imediata, é necessário eu organizar alguns conteúdos antes. Por exemplo, às vezes eu começo perguntando ao público: “você sabe sobre o que será a visita de hoje?”, e caso eles não saibam... não, desculpa, vou reformular. Na verdade, na minha prática no museu, não é sempre que eu fico explicando, eu busco diversificar a depender do perfil do público, que pode ser bem variado, por exemplo, se recebo um público mais velho é possível fazer uma explicação mais detalhada, já com público jovem preciso fazer de outro jeito. Com os jovens eu preciso perceber como eles estão, para então trocar com o grupo. Por exemplo, os jovens adoram bater papo, então perceber isso é também um motivo para que estudemos e nos preparemos para saber lidar com os públicos. No entanto, é um estudo mais tranquilo, não é algo extremamente aprofundado, é somente para dominar os conceitos e conteúdos que serão apresentados na visita. Outra coisa importante é o acolhimento do público no início da visita, esse primeiro contato. Esse momento do início da visita é quando eu começo a perceber o perfil do público, por exemplo, quando a pessoa se apresenta eu já começo a perceber se ela tem um perfil mais introvertido ou extrovertido, e assim eu posso utilizar isso para trazê-los para a partilha, porque assim eles se abrem mais, começam a falar mais, mas isso vai depender das identidades dos participantes do grupo, que podem ser diversas. Isso diz respeito ao jeito de cada um, pois eu não os conheço e eles não me conhecem, então eu busco percebê-los, às vezes alguém está falando então eu devo tomar cuidado para não o interromper e sim incentivá-lo, apoiá-lo para que fale. Contudo minha didática não é somente voltada para os surdos, é para todos. Por exemplo, se recebo um grupo de surdos e eles se sentem à vontade para conversarmos, pois já compreendem o contexto do conteúdo, e estamos falando diretamente em Libras, então está tudo bem, e se eu recebo um grupo com surdos e ouvintes juntos eu conduzo da mesma forma, sigo fazendo as perguntas de sempre e não faz diferença a idade também, porque o museu não tem um direcionamento para idades específicas, o conteúdo do museu é para o público em geral.

5) Você utiliza apoio didático no museu? Se sim, qual?

Harry – Apoio de materiais para utilizar nas visitas?

Lara – Sim, isso.

Harry – Ok. Bom, na verdade, o que acontece é que... você se lembra do que eu tinha te explicado antes? Que lá no Museu da Inclusão tinham pessoas ouvintes, cadeirantes, cegas, autistas, pessoas com deficiências físicas trabalhando lá... Eu não estou reclamando, claro, mas só queria mostrar uma pequena coisa. Realmente não sou contra e nem estou fazendo nenhuma reclamação, mas agora começam a surgir surdos no Museu da Inclusão e parece que o pessoal não sabe como lidar. Vou dar um exemplo, na década de 70 e 80, quando houveram os movimentos sociais, tiveram a oportunidade de trazer algum surdo para dentro do Museu da Inclusão para contribuir na construção dos conhecimentos hoje lá apresentados, pois lá no Museu da Inclusão, a maioria dos conteúdos é sobre pessoas cegas, cadeirantes etc., e sobre surdos é quase nenhum, bem poucos, e ainda encontro pessoas passando algumas dessas informações de forma errada, porque ainda não entenderam. Agora eu estou lá, mas não uso tanto o conteúdo que tem lá, eu busco por mim toda a informação possível sobre o que aconteceu com os surdos. Busco pelos marcos históricos, os acontecimentos, as vitórias, ou seja, toda essa diversidade de conteúdos sobre os surdos. Em suma, eu tento buscar uma cronologia surda. Então eu não pego esses materiais do Museu, porque a minha proposta é pegar esse material e transformar em conhecimento, seria como se eu invertesse a lógica de utilização do material, porque eu acredito que se não temos esse tipo de material devemos começar a mudar isso. Não significa que o público vai pegar o material para utilizar, mas sim que vamos dar esse apoio para que ele compreenda melhor, assim evitamos erros e equívocos desnecessários.

Lara – está certo.

6) O tempo de preparo é diferente para o público surdo e ouvinte?

Harry – O preparo com o público surdo e ouvinte no acolhimento da visita dentro do Museu é igual, porque eu sou a mesma pessoa preparando a visita para ambos os públicos. Por exemplo, caso eu vá trabalhar um tema específico com determinado grupo, daí eu preparo o conteúdo de forma específica, com conceitos, vocabulário etc., até, por exemplo... se é um assunto do tipo, corte de direitos, daí eu vou buscar nos conteúdos palavras que eu não conheça para pesquisar os sinais dessas palavras, porque se eu conhecer esses sinais eu posso explicar mais naturalmente sobre o conteúdo, porque com relação a esse conhecimento eu preciso entender para explicar, então eu pesquiso as palavras, claro, mas o mais importante são os

detalhes daquilo que estou apresentando, para que eles compreendam, e se eles compreendem eu fico tranquilo.

O importante é que eles saibam explicar, por exemplo, se eu fosse educador do MAM-SP (Museu de Arte Moderna de São Paulo), lá onde o Léo trabalha, eu precisaria saber a respeito de todas as obras que têm lá, porque eu vou precisar explicar ao público, só isso, mas no Museu da Inclusão é diferente, pois meu trabalho é apresentar aos ouvintes também... por exemplo, se a Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência disser que eu preciso viajar para ir até algumas escolas realizar palestras, isso significa que eu vou explicar para esse público sobre todo o conteúdo do Museu da Inclusão. Um público de ouvintes que, muitas vezes, nunca tiveram contato com surdos, então vou aproveitar e explicar tudo para eles. Alguns vão dizer que já ouviram falar de algumas informações que estou passando, talvez tenham ouvido no rádio, mas e os surdos? Alguns poucos conseguem algumas informações hoje pelas redes sociais. Esse é um começo, que se faz aos poucos mesmo, porque ninguém vai poder dizer 'hoje já está tudo pronto!'. É um começo, e está tudo bem, é aos poucos. A gente já realiza visitas nas escolas, mas o que acontece é que a pandemia complicou um pouco esse processo. Separando um pouco os assuntos, agora não estou falando sobre saúde e esses cuidados, mas sim sobre questões relacionadas ao trabalho, pois a maioria das pessoas não têm acesso à internet. Um segundo ponto é (PROBLEMA TÉCNICO COM O VÍDEO IMPOSSIBILITANDO A TRADUÇÃO)... essa questão com os idosos, é um problema grande. De fato, existe uma infinidade de problemas, e tem essa questão de ficar em casa direto, e de fato dá pra fazer isso, mas e como ficam as pessoas que não têm acesso à internet? São poucas pessoas que têm acesso à internet. Não dá para aguentar por 2 horas... Algumas pessoas conseguem acessar o Instagram, mas outras não têm acesso. É só para a gente refletir.

7) Em tempos de pandemia da Covid-19, qual é a flexibilização no trabalho?

Harry – Temos flexibilidade no trabalho sim, antes já tínhamos e após o início da pandemia também temos, mas o problema foi que a pandemia complicou muito as coisas, por exemplo, antes da pandemia eu visitava vários espaços, vários museus, isso na minha vida particular, e nesses passeios eu buscava observar e aprender para desenvolver ainda mais o meu trabalho, fazer contatos, pois é algo bem importante. Nessas visitas eu me apresentava, dizia que sou educador do Museu da

Inclusão, então os educadores desses espaços me convidavam para a visita, e eu visitava esses espaços todos. Era só pedir, e eles me guiavam para a visita, então trocávamos informações, conversando e fazendo esse contato. Agora com a pandemia tudo isso ficou muito complicado, agora como posso visitar esses espaços? Existem outras coisas dentro do trabalho que ficaram muito prejudicadas também, porque nosso trabalho é fundamentalmente presencial, estamos acostumados a fazer a mediação de forma presencial, nunca fizemos virtualmente.

Com o passar do tempo nós precisamos nos adaptar, paramos de fazer de um jeito para fazer de outro, ou seja, fizemos um movimento de adaptação, não sei dizer se houve uma flexibilização, mas posso afirmar que fizemos um movimento de adaptação, porque nós estamos muito acostumados a fazer nosso trabalho de forma presencial sabe? Nos comunicamos com nossas mãos, e durante a visita pegamos algo ou escrevemos algo em algum lugar para mostrar ao público, e agora, de repente tudo mudou, e na minha perspectiva aconteceu essa adaptação.

Porque flexibilização seria poder faltar bastante...

Lara – Porque já houve flexibilização antes né.

Harry – Poder viajar, seria... por exemplo, aconteceu uma vez de eu precisar viajar para outra cidade, e eu pensei que o trabalho não iria aceitar que eu viajasse, mas fui falar com meu chefe e ele me liberou, mas disse pra eu ficar de home office, e eu não pude dizer nada, pra mim isso não é flexibilização, mas sim adaptação.

Eu sinto que aos poucos estamos aprendendo como se dá essa adaptação, por exemplo, eu sou uma pessoa muito agitada, você sabe, e com a pandemia ficou muito complicado pra mim, eu comecei a beber mais, comecei a fazer mil coisas para tentar lidar com essa situação, mas então comecei a me adaptar. Minhas tarefas: fazer coisas no computador, limpar a casa, organizar algumas coisas, estudar, organizar coisas do trabalho, trabalhar, trabalhar e trabalhar.

Atualmente, no trabalho, eu faço vídeo chamadas, lives... são estratégias para continuar o trabalho, e também para que eles vejam que eu estou trabalhando, e não é questão de preguiça ou que estejamos sendo folgados, pois estamos fazendo vários projetos, e projetos para o modo presencial. A cada ano sempre tem projeto, isso não para. Abrem projetos, a gente escreve e envia, é dessa forma, bem simples.

Um terceiro ponto que eu gostaria de falar é sobre poder trocar por conversas de vídeo com outros educadores surdos. Infelizmente temos poucos educadores surdos

pelo Brasil. Eu já comparei com relação à educadores ouvintes, e é um número muito maior o de educadores ouvintes.

Eu consegui fazer contato com alguns educadores surdos, mas muitos estavam desempregados, por isso eu queria fazer um projeto para estarmos todos em contato e assim nos fortalecer numa rede de educadores surdos.

O Museu da Inclusão é o único museu que trata de pesquisa, comunicação e conteúdos sobre deficiência, acessibilidade e legislação direcionada para essa pauta, não existe outro igual, então a gente tem que fazer esse desenvolvimento, mesmo que seja virtual, e com toda essa dificuldade, buscando nos adaptar, e estamos conseguindo, então vamos continuar o trabalho.

Eu acredito que quando a pandemia acabar a gente volte para o presencial. Talvez no futuro implementemos um modelo híbrido, trabalhando de modo virtual e presencial, para alcançar pessoas de outros países, por exemplo, essa poderia ser uma estratégia. É uma boa reflexão, não é? Porque agora estamos nos acostumando com essas tecnologias e ao trabalho dentro de casa, então imagine se vier uma pandemia ainda mais forte e precisarmos continuar em casa, será que vamos absorver bem as informações e conteúdos ou vamos estar cansados demais? Eu acho que para os surdos será tranquilo, pois somos visuais, mas acho que para os ouvintes não será assim, nem para a sociedade em geral.

8) Você utiliza atividades remotas? Por quê? Como?

Harry – Nós usamos atividades remotas porque é necessário. Isso é a adaptação. Por exemplo, se eu fosse um cuidador de idoso ou babá de idoso, e devido à pandemia e a dificuldade desse momento a família não quer mais que esse idoso tenha um cuidador, que no caso seria eu, daí me demitem, nessa situação não há possibilidade de adaptação, pois é um trabalho que precisa desse contato e tem a problemática do vírus etc. Já no meu trabalho é possível trabalhar de casa, mas o que fazer com as visitas se é uma atividade presencial? É então que adaptamos para o virtual, fazendo lives, conversas por vídeo, as possibilidades são várias.

Temos vários projetos.

Estávamos pensando até sobre a virada inclusiva, sobre fazer algo virtual ou não. Desse ano em diante será que conseguimos fazer presencial ou terá que ser virtual? Ainda não sabemos a resposta. Por isso é uma situação complicada. Nós estamos nos adaptando e temos possibilidade de utilizar alguns recursos como live,

conversas por vídeo e demais recursos, mas daí as pessoas começam a se acostumar e a gente volta ao presencial.

9) Quais suas motivações no exercício profissional em seu cotidiano?

Harry – Minhas motivações? É entender o que as pessoas pensam, ver o que as pessoas comunicam, de forma ativa. Por exemplo, eu vejo o público se colocar de maneira ativa, e agora nos adaptamos, e eu continuo compartilhando com o público, por exemplo, eu faço muitas perguntas e peço para eles me explicarem o porquê de algumas coisas, esse é o meu papel enquanto educador, fazer todas essas perguntas. Por exemplo, já aconteceu de eu estar em atividade e uma pessoa ficava segurando o riso, eu comecei a perguntar o porquê de ela estar fazendo isso, e foi uma pergunta para o grupo, daí um menino estava com a mão levanta, ele queria muito falar, então lhe dei a palavra, para que ele se colocasse, isso é algo que me motiva.

As dúvidas me motivam, eu as uso como estratégia, como um truque (SINAL TRUQUE).

Lara – Que sinal é esse (SINAL TRUQUE)?

Harry – É o sinal para truque (FAZ DATILOLOGIA + SINAL TRUQUE). É como o mágico faz sabe? É um truque. Bom, mas é uma estratégia, eu vou percebendo o público que eu vou mediando.

Explicar o conteúdo também me motiva. Por exemplo, se eu consigo fazer a partilha com o público, então tudo bem, caso contrário preciso pensar num plano A, num plano B, num plano C etc.

Lara – Perfeito.

Harry – Por exemplo, eu posso pedir ao público para refletir sobre a palavra inclusão, então eles vão pensar nisso, e eu também já vou pensando o que vou fazer a seguir, é isso, é uma estratégia, assim como você também tem uma estratégia.

Lara – Está certo, está ótimo.

ENTREVISTA COM LEONARDO CASTILHO

1) Apresentar seu nome, sinal, idade e formação

Léo – Meu nome é (SINAL) Leonardo Barbosa Castilho, meu sinal já apresentei (risos), tenho 33 anos e ainda não tenho formação acadêmica.

2) Há quanto tempo você trabalha como educador(a)? E onde?

Léo – Eu comecei a trabalhar em 2008, iniciando na modalidade de estágio e até hoje estou trabalhando, mas hoje sou contratado. Eu trabalho no MAM (SINAL) Museu da Arte Moderna de São Paulo.

3) Você conhece a palavra “mediação”? O que significa?

Léo – Vou dar um exemplo sobre o que significa mediação. Digamos que estou num lugar na função de arte educador e nesse espaço têm algumas obras, objetos ou algo assim, eu observo essas obras e entro em contato com elas, e as relaciono, me valendo do meu conhecimento, mas levando em consideração que meu conhecimento sobre essas obras não é completo, eu estou relacionando meu conhecimento com as obras e relacionando-as entre si. Seria como compartilhar informação, é uma estratégia de relacionar elementos e conhecimentos e nesse movimento eu não fico neutro, eu me coloco e fomento esse compartilhamento. Bom, tentei explicar ao meu jeito.

4) Quais são as suas ações que você usa?

Léo – No momento que estou trabalhando a mediação?

Lara – Seriam as atividades que você faz no seu trabalho, quais atividades você utiliza?

Léo – Fazer um rascunho, poderia ser?

Lara – Se você o utiliza, então sim.

Léo – Eu utilizo o rascunho para organizar como será feita a visita e a mediação. São rascunhos que eu escrevo no computador. Também realizo uma preparação pré-visita. Acho que é isso... não sei se têm mais coisas... ah, eu faço gravações, eu gravo vídeos sobre a exposição e esses vídeos ficam disponíveis para que o público possa acessar de forma autônoma. São muitas ações, mas agora não me lembro de todas.

5) Você utiliza apoio didático no museu? Se sim, qual?

Léo – Apoio... de materiais de apoio didático? Temos materiais de apoio didático no MAM.

Lara – sim, isso.

Léo – Vou dar um exemplo, nós utilizamos a experiência poética, na verdade, temos muitos materiais de apoio didático, e o que fazemos é estudar a respeito da exposição e dos artistas, depois começamos a observar e pensar quais materiais didáticos podemos utilizar para promover uma experiência poética. Buscamos refletir se essa estratégia didática se encaixa bem com a exposição, caso a escolha não se encaixe bem, então elaboramos uma nova, até que consigamos algo que combine bem.

As vezes eu também levo uma bolsa comigo, durante as visitas, em que carrego algumas palavras para relacionar com as obras, fazendo brincadeiras para ver qual palavra combina com qual obra, por exemplo, nessa bolsa eu levo o nome de algumas cores, mostro para o público e refletimos sobre o significado dessas cores com base nas obras.

Do lado de fora do espaço expositivo também fazemos atividades de pintura em miniatura, nós observamos uma obra enorme e fazemos sua miniatura para levar para casa.

Eu uso papel craft espalhado no chão também, e daí o público se deita e desenhamos o contorno do corpo da pessoa, a partir disso criamos uma história e vamos costu... na verdade é outra palavra, como se fosse conectando a história.

Lara – seria o contexto da história?

Léo – costurando a história... não é o contexto, é outra palavra. Seria algo como costurar a história.

Lara – Construindo a história?

Léo – É que tem a palavra certa, mas que não consigo me lembrar. Bom, depois eu lembro e te falo. As histórias vão sendo conectadas, e são várias atividades que temos, não utilizamos apenas uma durante a visita, vamos mudando no decorrer da visita, pois precisamos ver quem é o grupo, como a visita se desenrola e então ir percebendo qual atividade se encaixa melhor.

6) O tempo de preparo é diferente para público surdo e ouvinte?

Léo – Pra mim, isso vai depender do tempo de visita. Ao longo desses anos, na minha experiência, o tempo de preparo sempre foi o mesmo, pois já sei o como fazer, justamente por todo esse tempo de trabalho, então acaba sendo igual. Agora, quando recebo público ouvinte, por exemplo, já sei que preciso de um intérprete.

O que leva mais tempo mesmo é o estudo e a pesquisa sobre as exposições, pois precisa ser um estudo profundo, às vezes a exposição carrega conceitos e palavras mais complexas que são do contexto artístico, então não posso fazer direto sem preparar tudo antes.

Talvez haja uma diferença muito pequena, mas acredito que conseguimos desenvolver bem a visita, é algo que se dá no processo.

7) Em tempos de Covid-19, qual é a flexibilização no trabalho?

Léo – Pois é, com o começo da pandemia... (risos).

Lara – tente continuar (risos).

Léo – No início da pandemia nós começamos a fazer mais lives divulgando as informações e ações que estavam acontecendo no museu, fazendo essa divulgação, principalmente, nas redes sociais.

Começamos a criar temas para discutir: curadoria, artistas, galeria, aquisição, contação de história etc. Então meu trabalho era organizar essas lives, fazer visitas virtuais, continuar dando dois cursos de formação do programa *Igual Diferente*. Um dos cursos é de performance e acontece todas as quintas-feiras à tarde, e o outro curso é do corposinalizante, e acontece todas às quartas-feiras à tarde. Ah, estou fazendo de casa, não estamos fazendo presencial, pois o espaço é pequeno, também porque utilizar as máscaras prejudica a comunicação, imagina a intérprete tendo que ir junto comigo para toda a parte a quantidade de tempo que ela teria que trabalhar? Dessa forma estamos fazemos remotamente.

8) Você utiliza atividades remotas? Por quê? Como?

Léo – Atividades remotas que estou fazendo são essas que te descrevi. Estou dando as formações virtualmente, a gente combina um horário e segue fazendo nesse horário, e são atividades remotas que faço da minha casa. Porque, por exemplo, no curso de performance temos alguns alunos que têm questões de saúde mental, então é necessário ter certo cuidado. Tem outra questão complicadora, é a questão tecnológica, que é preciso sempre organizar. Às vezes têm alguns alunos que se posicionam fora da câmera e fica difícil de vê-los, então eu preciso avisar para eles arrumarem (risos). No princípio eu pedia para eles arrumarem a câmera, mas depois fui percebendo que não surtia muito efeito, então decidi deixá-los livres e avisei que se quisessem falar algo para mim era só me mostrar. É um desafio.

9) Quais suas motivações no exercício profissional em seu cotidiano?

Léo – Nossa, essa pergunta é complexa, vou pensar aqui pra responder agora.

Lara – aquilo que te dá motivação no trabalho.

Léo – Bom, o que eu sinto que me dá motivação... trabalhar com mediação, por exemplo, quando eu posso partilhar vários conhecimentos com um grupo de surdos numa visita, isso me motiva. Trazer novas experiências para eles, novas dimensões. Por exemplo, eu cresci nesse ambiente de arte ouvinte, e cresci trabalhando nesse ambiente de arte ouvinte, mas sempre fiquei pensando como aproximar a experiência surda, foi quando comecei a criar projetos e atividades no meu trabalho no MAM, aproveitando essa oportunidade que eles me deram, isso me motiva, motiva minha vida, pois isso estimula que mais surdos frequente o museu.

ENTREVISTA COM SABRINA RIBEIRO

1) Apresentar seu nome, sinal, idade e formação

Sabrina - Meu nome é Sabrina e esse é meu sinal (SINAL), tenho 42 anos e minha formação é em Artes Visuais. Também tenho uma pós-graduação em Arte e Educação. Atualmente estudo Mestrado em Design.

2) Há quanto tempo você trabalha como educador(a)? E onde?

Sabrina – Eu trabalho como educadora na Pinacoteca, esse é o sinal de lá (SINAL). Eu trabalho lá há 13 anos. Se sou jovem ou não eu não sei (risadas).

3) Você conhece a palavra “mediação”? O que significa?

Sabrina – Mediação... vou dar um exemplo, se me coloco entre um quadro e o público e os oriento a olhar, faço perguntas convidando o público a observar essa obra, promovendo uma partilha, faço perguntas do tipo: “a partir das suas experiências, o que você imagina ao observar essa obra?”, e então eles me respondem, é com essas respostas que eu faço a mediação entre suas falas e a obra. É sempre uma relação entre a obra, o público e eu, nunca pode ser somente o público e eu ou o público e a obra, é necessário que seja essa relação entre os três. Sim, exatamente, nós três. A obra, eu... isso, é isso. Sim, pois a mediação se refere a esse lugar do meio, eu ocupo o lugar do meio e articulo essas informações da obra

junto do público e lhe pergunto o que ele acha, então o público reflete e me responde, daí por meio da resposta do público eu busco chamar a atenção para outros aspectos da obra que ainda não se deram conta, dessa forma eu fomento essa partilha que sempre deve acontecer, necessariamente, nessa relação entre obra, público e educador. Essa é a mediação, é o educador no meio promovendo o diálogo entre obra e público.

Nos museus sempre têm isso: as obras, o público e o educador nessa relação de partilha. São sempre esses três elementos. Entendeu? É isso.

4) Quais ações você usa?

Sabrina – No meu trabalho, é isso? No meu trabalho atual né?

Lara- Isso.

Sabrina- Antes, quando estávamos no presencial, eu fazia um estudo básico da História da Arte que correspondia às obras, somado a isso eu pesquisava a história das obras por meio de textos e resumos, finalizada essa parte eu pensava em estratégias para a criação de jogos, dependendo da idade do público, claro. Para crianças os jogos visuais são melhores, como desenhos... Para jovens, mais velhos, jogos com palavras simples. Também vai depender de seu conhecimento da língua portuguesa, claro. A depender de seu conhecimento, posso usar jogos que mesclam palavras e desenhos. Já com adultos não é necessário a utilização de jogos, podemos ir direto para debates e discussões.

Ah, eu também uso contações de histórias. Aos sábados, uma vez por mês, eu faço contações de histórias e ensino Libras. Sim, fazíamos isso antes, no modo presencial.

Eu realizava essas contações de história e ensinava o básico de Libras para o público, passando algumas curiosidades mesmo. Essas aulas de Libras duravam apenas uma semana, para que aprendessem o básico, pois era um ensino para que compreendessem quem é o sujeito surdo e tivessem respeito pelo sujeito surdo e sua cultura. Eu ensinava cumprimentos básicos, como fazer perguntas simples ou pedir algo, pois assim eles conseguiriam se comunicar com uma pessoa surda caso encontrassem no dia a dia. Eu explicava que era semelhante a situação de encontrar uma pessoa que fala inglês, a pessoa precisa saber inglês para se comunicar com alguém que só fala inglês, então se a pessoa sabe falar e escrever o básico de inglês para se comunicar, também pode saber o básico de Libras.

5) Você utiliza apoio didático no museu? Se sim, qual?

Sabrina – Quando você se refere a apoio didático você está se referindo a livros e coisas assim? Ah entendi, pode ser também, mas não apenas isso. Entendi.

Eu uso muitos jogos e atividades, pois quando atendo crianças, e não utilizo jogos, acaba não sendo tão legal. As crianças gostam de brincar, e dessa forma eles aprendem por meio de atividades lúdicas. Por exemplo, se estivermos numa sala... Sim, isso é lúdico. Porque por meio do brincar e do imaginar, as crianças aprendem de fato, é brincadeira, mas também é aprendizado. Outro exemplo, se estamos em uma sala sobre Natureza Morta eu explico e pergunto o que eles acham, depois realizo um jogo utilizando objetos e peças que fazem referência a alimentos que eles encontram nas obras, e dessa maneira eles vão relacionando o jogo com as obras, e também utilizam os objetos para eles mesmos criarem suas obras de arte. Nesse tipo de jogo eu dou as peças para eles, daí um começa e coloca a peça onde quiser, daí outro participante coloca outra peça, assim eles vão criando um quadro de Natureza Morta. Durante a brincadeira vou mediando, perguntando se eles gostam da posição das peças. Eu utilizo esses recursos didáticos, jogos que para mim servem como recursos didáticos.

A verdade é que eu gosto muito de jogos, por isso eu sempre tenho jogos guardados comigo.

6) O tempo de preparo é diferente para o público surdo e ouvinte?

Sabrina – Você não está se referindo à visita em si, mas sim ao momento de preparação antes da visita, é isso?

Lara- Isso!

Sabrina- Certo, é a respeito da preparação e organização prévia, está certo.

O tempo de preparo é igual para ambos os públicos, também porque são as regras de visitação do espaço. As visitas devem ter a duração máxima de até 2h, às vezes duram 1h30, contudo eu tenho a permissão de realizar visitas com duração máxima de 2h, nada mais do que isso. Às vezes eu faço uma visita de 1h30 com grupos escolares, pois eles precisam se organizar antes para irem embora no horário certo, mas se é possível realizar uma visita de 2h eu faço visitas de 2h, e isso é para surdos e ouvintes, sem distinção.

Eu faço visitas da mesma forma para esses dois públicos porque as regras são as mesmas para ambos. Obviamente que faço algumas distinções quando, por exemplo, recebo grupos com idosos, pois precisa ser uma visita mais tranquila, precisamos fazer algumas paradas para que eles se sentem, daí eu explico um pouco sobre as obras, e assim as visitas podem durar até 2h30. Agora, quando é um grupo de jovens, nós andamos bastante pelo museu e a visita dura 2h mesmo.

As regras para todos são iguais: jovens, adultos, surdos e ouvintes. Somente quando é um grupo com idosos que o tratamento acaba sendo um pouco diferente.

Ah, sobre as atividades? Sim, essas são diferentes sim. A aplicação de jogos e atividades com público surdo e ouvinte é diferente sim. No que diz respeito ao tempo de visita o tempo é o mesmo, com relação às atividades o trato é diferente, e com relação ao público idoso o tempo de visita também é diferente.

Nós educadores, tentamos dividir por grupos para fazer o atendimento, uma educadora recebe grupos de idosos, outra recebe visitas de Ongs e instituições similares, outra recebe grupos de pessoas com deficiência e eu sou responsável pelo público surdo e surdo-cego, no entanto acaba sendo mais o público surdo, principalmente surdos que vem em visita com a escola.

Sim, é isso, exatamente isso.

7) Em tempos de pandemia da Covid-19, qual é a flexibilização no trabalho?

Sabrina – Na verdade, eu só trabalho duas vezes na semana. Trabalho às quartas-feiras e sextas-feiras, e agora nesse momento da pandemia estou trabalhando de casa, resolvendo as coisas por e-mail e por celular.

Estou estudando sobre os quadros e ensaiando explicações em Libras sobre as obras, e quando finalizo esse trabalho de estudo e de ensaio, vou até o museu para realizar a gravação dessas explicações, quando encerra a gravação retorno pra casa, mas é necessário ir até lá para gravar, pois lá eles têm todos os equipamentos para a gravação. A equipe faz a edição dos vídeos e converte em QR Code, você conhece? Porque assim o público pode captar o QR Code com o celular e acessar a informação em vídeo. São disponibilizados 4 QR Codes diferentes, tem com música, com audiodescrição, com explicação em voz e com Libras, que fica em destaque com a cor azul. No vídeo em Libras tem legenda e narração em português também.

Não são todas as obras que possuem o recurso do QR Code, apenas 10 obras principais, porque eu não posso estar lá presencialmente, então o museu optou por

substituir o atendimento presencial pelo QR Code, mas no futuro, quando tudo isso passar, acredito que eles tirem o QR Code e eu volto a fazer as visitas presenciais.

8) Você utiliza atividades remotas? Por quê? Como?

Sabrina – Eu faço reuniões com a equipe de forma remota para definir e preparar as atividades, daí envio essas atividades para as escolas que, ao realizarem as atividades, me enviam de volta. Ah, na verdade, eu envio a atividade junto de um vídeo em que eu explico como realizar a atividade. É a mesma atividade que eu mediaría caso a visita acontecesse no museu, mas como não podemos realizar as visitas, nós optamos por substituir por essas atividades enviadas às escolas.

Devido a esse período de pandemia precisamos pensar em diversas substituições das nossas práticas realizadas no museu, porque não podemos parar, o que vamos fazer? Se o público tiver como utilizar a internet, então é possível continuar com as atividades, assim as enviamos, enviamos vídeos com explicações etc.

Eu acho que o movimento deve continuar, mesmo que estejamos todos dentro de casa, seja trabalhando ou estudando, pois agora não vou retornar ao museu, somente vou até lá algumas vezes para gravar os vídeos e realizar alguns estudos, mas a maior parte do tempo eu fico trabalhando dentro de casa.

Ah, mas no museu continua, às quintas-feiras, o curso do Programa Educativo para Públicos Especiais (Pepe), ele também continua só que de forma remota, apenas reduziu sua duração. Você se lembra que antes era um curso bem longo? Agora ele foi reduzido.

Sim, presencialmente é melhor, mas agora organizamos para que ele aconteça de forma virtual, e também estamos recebendo participantes de todo o Brasil, porque antes era restrito para o público de São Paulo, mas agora é ofertado para todo o Brasil, podem participar pessoas do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, da Bahia, Ceará etc. Têm 5 surdos participando agora. Isso, 5 surdos. Antes eram poucos surdos que participavam, mas agora conseguimos ter 5 surdos pela facilidade da modalidade remota.

Sim, devido a pandemia, porque nos reunimos e pensamos na possibilidade de enviar as atividades para as escolas, para as crianças nas escolas, e todos acharam legal e concordaram. É como... sim, como nas visitas, mas... passar essas atividades artísticas para eles é uma oportunidade de conhecerem um pouco sobre as obras, apesar de não podermos realizar as visitas como antes, então com essa

adaptação nós podemos fazer com que eles conheçam um pouco das obras do museu.

Mas eu não tenho contato nenhum com eles, eu simplesmente envio as atividades e eles me enviam de volta. Contato presencial, por enquanto, não tivemos nenhum.

Eu envio para os professores de artes, e eles ensinam os alunos como fazer.

9) Quais suas motivações no exercício profissional no seu cotidiano?

Sabrina – Minhas motivações no exercício profissional no cotidiano... motivações no sentido de pensar em coisas que me incentivam, entendi. Sim, coisas que me incentivam é o mesmo que as motivações.

Bom, algo que me motiva é trabalhar apenas às quartas e sextas, poder estudar, eu também posso ter acesso às obras novas do museu, e ler sobre elas, saber curiosidades sobre termos específicos, leitura...

Sim, pois essas leituras a respeito das novas obras, conhecer curiosidades sobre as obras, tudo isso me motiva. Tenho até um livro aqui que estou lendo atualmente (risos).

Bom, coisas que me motivam... leitura... ah, poder assistir filmes dentro do museu também... Agora no trabalho remoto estou trabalhando menos também, pois no presencial a demanda de trabalho é muito maior.

Eu trabalho às quartas e sextas, mas às terças e quartas à noite eu faço mestrado, então me divido entre estudar e trabalhar.

Às vezes preciso descansar um pouco a mente (risos) daí assisto algum filme pra ter um pouco de paz, porque às vezes a cabeça e os olhos doem de ficar tantas horas na frente da tela do computador. Às vezes o corpo fica um pouco duro de tanto ficar parado e sentado.

Só isso?

Lara – sim, são 9 perguntas. Agora eu vou parar para gravar.